



SOCIUS WORKING PAPERS

PROSÁPIA INTELECTUAL, NEOFILIA E FETICHISMO TEMPORAL: NOTAS SOBRE O CONCEITO DE CRONOCENTRISMO

Nº 01/2020

SOCIUS Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações
CSG Investigação em Ciências Sociais e Gestão
ISEG Lisbon School of Economics & Management | Universidade de Lisboa
URL: <https://socius.rc.iseg.ulisboa.pt/home.html>

à p o i c:

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Prosápia Intelectual, Neofilia e Fetichismo Temporal: Notas sobre o Conceito de Cronocentrismo

Resumo

As ciências sociais identificaram, há muito, um problema basilar que constituía importante entrave ao desenvolvimento de um conhecimento verdadeiro e objectivo das sociedades – o etnocentrismo. Neste texto, consideramos que, não menos importante, e talvez mais insidioso, é o problema do cronocentrismo. O cronocentrismo corresponde a uma forma de desconsideração pelas sociedades passadas, impondo sobre elas bitolas de avaliação, juízos e condenações que não respeitam nem a sua lógica nem a sua integridade e são baseados em construções morais presentistas. Trata-se de um enviesamento comum, e escassamente reconhecido, que resulta de fraquezas metodológicas e conceptuais e de um parco e errado uso de formas comparativas de análise. A inexistência de deflatores sociais e um fetichismo pela inovação e pela mudança, a par de uma neofilia generalizada têm adensado o problema. Baseados na análise de múltiplos contributos teóricos sobre o conceito de cronocentrismo, apresentados ao longo das últimas cinco décadas, propomos uma matriz integradora capaz de lançar luz sobre o fenómeno e suas causas. A síntese produzida poderá constituir a base para estudos empiricamente conduzidos que testem a validade da chamada “hipótese cronocêntrica”.

Intellectual Prosapia, Neophilia, and Temporal Fetishism: Notes on the Concept of Chronocentrism

Abstract

Social sciences have long identified a fundamental problem that was an important obstacle to the development of a true and objective knowledge of societies - ethnocentrism. In this text we consider that no less important, and perhaps more insidious, is the problem of chronocentrism. Chronocentrism corresponds to a form of disregard for past societies, imposing on them evaluation gauges, judgments and condemnations that respect neither their logic nor their integrity and are based on presentist moral constructions. It is a common, and scarcely recognized, bias that results from methodological and conceptual weaknesses and a misuse of comparative forms of analysis. The absence of social deflators and a fetishism for innovation and change, along with widespread neophilia, have deepened the problem. Based on the analysis of multiple theoretical contributions to the concept of chronocentrism, presented over the last five decades, we propose an integrative matrix capable of shedding light on the phenomenon and its causes. The synthesis produced may form the basis for empirically conducted studies that test the validity of the so-called “chronocentric hypothesis”.

Prosápia Intelectual, Neofilia e Fetichismo Temporal: Notas sobre o Conceito de Cronocentrismo

Rafael Marques

Like the Englishman in France who thought that bread was the right name for le pain each culture believes that every other kind of space and time is an approximation to or a perversion of the real space and time in which it lives (Mumford, 1955: 18)

Introdução

Existem três ideias básicas, muito comuns nos nossos dias, que são assumidas como verdades incontornáveis e que se mostram auto-evidentes e sem necessidade de problematização, discussão ou recurso ao contraditório: a mudança contemporânea está em processo de aceleração, as sociedades e as organizações necessitam de processos adaptativos para não sofrerem consequências dramáticas (potencialmente destrutivas) e existem formas facilitadoras dessa adaptação que conduzem a receituários que, se bem aplicados, resolvem a quase totalidade das dificuldades encontradas. Estas tendências são acompanhadas de práticas discursivas e de elementos argumentativos muito próximos daquilo a que Hirschman (1991) no capítulo final da sua obra chamou retóricas progressistas. Neste texto, iremos centrar-nos apenas na discussão de um dos eixos conceptuais que acompanha este tópico: o desenvolvimento de um enviesamento traiçoeiro que é encontrável quer na sociologia académica quer naquilo a que poderemos chamar sociologias leigas ou leituras sociologizantes do quotidiano que são efectuadas e trabalhadas por não profissionais da teoria sociológica.¹ A este enviesamento que consideramos generalizado, dominante e poderoso chamaremos cronocentrismo.

¹ Embora existam diferenças notáveis entre as utilizações leiga e académica do cronocentrismo, encontramos em ambas uma notável presença de ignorância do passado ou uma convergente incapacidade de lhe dar crédito. O cronocentrismo permite visões hiperbólicas do tempo presente, exageros convenientes que dispensam factos e números e uma imensa capacidade de hipostasiar pequenos sentimentos ou meras sensações e presunções, transformadas em temas definitivos. A prova é desnecessária e a caracterização do presente transforma-se numa arma de arremesso contra opositores. O cronocentrismo expressa-se por um

Não temos a pretensão de cunhar este termo, uma vez que ele já foi usado (ainda que muito esparsamente) por vários autores (cf. Fowles, 1974; Reichardt, 2000; Rock, 2005; Lapointe e Dufour, 2012; Zoomers, 2006), mas pretendemos deixar clara a sua forte presença nas leituras sociológicas contemporâneas e deixar evidentes os seus efeitos unilaterais e obnubilantes, bem como os enviesamento e os erros sistemáticos que têm vindo a produzir.² Trata-se de um texto de síntese teórica das múltiplas leituras possíveis do cronocentrismo, tentando integrar o conceito numa série de eixos analíticos que o definem e estruturam. Uma análise empírica a alguns domínios da produção sociológica contemporânea será feita noutra espaço. Este é um texto iminentemente conceptual e integrativo das múltiplas abordagens e concepções de cronocentrismo e que, idealmente, permitirá o esboço de uma teoria em uso a testar no terreno.

O cronocentrismo é facilmente encontrável nas declarações que proclamam que as taxas de mudança, a intensidade e extensividade das mesmas e o impacto por elas causado não têm paralelo na história. Os exemplos, especialmente retirados do sector das novas tecnologias da comunicação e da digitalização por elas promovida, não necessitam de grande esforço para serem apreendidos e poucos se atreverão a pôr em causa estas tendências tão evidentes. Acima de tudo, trata-se de enunciados que não buscam qualquer tipo de comparação intertemporal e se limitam a desenhar quadros impressionistas capazes de esboçar ameaças mais ou menos veladas, perigos iminentes e catástrofes inevitáveis. O cronocentrismo assume uma comparação sem necessidade de comparar porque nenhum dos termos da mesma tem uma existência real: o termo passado é uma amálgama de traços dispersos de leituras simplistas de realidades passadas não agregáveis e o termo presente corresponde a exageros de manifestações que assustam ou enaltecem os nativos da temporalidade corrente. O cronocentrismo pauta-se por um exagero materializado nos extremos de uma qualquer distribuição, constituindo uma espécie de inversão da média virtuosa (Lyon, 2004: 336). A comparação pode assim ser feita e baseada em quadros conceptuais criados no presente e que se projectam num passado

desejo objectivo de convencer todos os recalcitrantes que não acreditam viver numa época tão única ou especial.

² Para diferentes dimensões de cronocentrismo na sociedade contemporânea, sobretudo na chamada sociedade de informação veja-se Rayward (2008).

onde eram inexistentes, desconhecidos ou irrelevantes. Impõem-se assim análises que definem verdades de La Palisse.

Tal como é comum na sociologia contemporânea, o criticismo é transformado numa denúncia e a denúncia num libelo acusatório apontado a uma série de manipuladores apostados em destruir as bases da verdadeira sociabilidade. Frequentemente, estas tendências não são mais do que meras repetições de anúncios já efectuados e repetidos *ad nauseam*, ao longo de mais de século e meio de teorização social, e são reveladoras da peregrina ideia de que o nosso tempo é sempre um tempo especial, único e irrepitível.

Tal como existem múltiplas teses de singularidade cultural ou de destino manifesto de povos (como está bem patente nas múltiplas versões da singularidade e excepcionalismo dos EUA – cf. Lipset, 1996), poderemos afirmar que um dos traços mais constantes do cronocentrismo é a declaração de um destino manifesto ao nível do tempo, pelo qual o momento em que vivemos é definido como o corolário evolutivo das sociedades e manifestação de uma singularidade notável. O tempo vivido é único, não no sentido da irrepitibilidade de qualquer tempo, mas no sentido em que se trata de um culminar linear que demonstra um fim, uma revelação ou uma escatologia. A este nível, o enviesamento cronocêntrico tende a materializar-se ou em visões popularizadas de fim de história ou na ideia de uma resolução última de dilemas, problemas e dificuldades. O cronocentrismo que assume este culminar evolutivo, apresenta provas dispersas que demonstram à sociedade que os anos vindouros serão marcados por continuidades e aperfeiçoamentos, mas não por rupturas e quebras significativas. Claro que existe um outro tipo de cronocentrismo, o apocalíptico, que mantém a retórica e continua a usar a actualidade como bitola, mas que alerta para o potencial trágico das transformações em curso, propondo mudanças e reformas radicais que impeçam a catástrofe e a destruição planetária.³

³ Avaliar o nosso tempo conduz-nos a procurar uma identificação especial para a qual faltam palavras. O carácter único e especial do tempo em que vivemos só pode ser definido por superação ou ultrapassagem da história, daí que abundem os “pós” os “híper”, os “trans”, os “neo”, os “meta”, os “ultra”, usados a gosto e a marcarem a separação dos mundos passados como o industrial, o tradicional, o moderno, o capitalista, o socialista e assim sucessivamente. Note-se que o que vemos como tradicional é já fruto de uma série de interacções que complexificam o retrato de evoluções lineares.

A leitura comparativa propiciada pelo cronocentrismo é tendencialmente bipolar e concentrada nos extremos de uma distribuição estatística – o tempo actual é definido hiperbolicamente como o mais ou o menos, consoante as variáveis consideradas, mas onde as auxeses provam os traços únicos deste nosso tempo. Sobejam elementos retóricos comparativos, onde a comparação real não é necessária, por ser evidente: “nunca”, “única”, “incomparável”, “primeira”, “última”, “sem antecedente”, “inaudita”, “irrepetível”. Estes elementos argumentativos conduzem a expressões que são comuns nas sociologias leigas e académicas: “Nunca houve tantos exaustos como hoje!”, “Nunca houve uma sociedade capaz de se destruir, antes da nossa!”, “Nunca houve tanta (ou tão pouca) violência como agora!”, “Esta é a sociedade com menos (ou mais) pobreza da história!”, “A poluição de hoje é inaudita!”, “A rapidez nas nossas sociedades não tem paralelo na história!”, “Vivemos numa época de risco, de incerteza, de desatenção, de excessos!”. Pouco importa que os dados disponíveis e as comparações inter-temporais não confirmem estas asserções e encontremos imensas continuidades (no lugar de rupturas) e zonas de estabilidade (no lugar da descontinuidade) – a sua capacidade de produzir realidade e de afectar discursos mantém-se. Abundam as designações de novas guerras, novas fomes, novas escravaturas que nos fazem tombar no seio das falácias

Historical awareness is the necessary antidote to chronocentrism, the assumption (usually implicit) that the present is the typical or normal way in which human beings organize themselves, for it is history as much as geography that teaches us the full range and diversity of human behavior, cultures, and social systems (...) Often students, lacking historical depth, chronocentrically assume that economy is synonymous with market, that supply and demand and profit-maximizing behavior are universal phenomena throughout all space and time. A historically sensitive perspective, however, reveals that markets are only one possible way in which economic systems are organized, and fairly recent ones at that, emerging as the world's predominant mode of production only in the 16th century (Wallerstein 1979); hunting and gathering, slavery, feudalism, and socialism are other, albeit largely extinct, forms. (Warf, 1997: 85, 87)

A sociedade dos cronocentristas sabe já o que não é, mas tem dificuldade em perceber o que se anuncia. Paradoxalmente, e embora estejamos perante sociedades que aspiram a ser únicas e diferentes, pululam termos que as definem mais pelo que não são e menos por aquilo que as supostamente deveria identificar. O presente é uma epifania de revelações que permitem descodificar e ilustrar o que esteve escondido ou foi ignorado. A falsidade e os mantos do enviesamento são levantados por uma época que se define como corolário ou pináculo de evolução. Obviamente, que os mais descontentes com o caminhar das sociedades contemporâneas tenderão a aceitar toda a argumentação da diferença radical, apenas para extrair dela uma imagem de decadência ou de catastrofismo, seja este ambiental ou moral. Somos em qualquer dos casos uma sociedade centrada nos usos do tempo e nas pressões por ele engendradas.

cronocentristas⁴ que nos tornam incapazes de compreender causalidades ou as reduzem a um monismo interpretativo canônico, ideologizado e auto-comprovante.

To paraphrase Boon (1980, 73), just as anthropologists rightly reject invidious ethnocentric comparisons between cultures, historians of anthropology must similarly avoid making chronocentric judgements regarding premodern mentalités. We must recognize that ancient, medieval, modern, and postmodern ideologies are each premised upon a particular set of metaphysical assumptions and ideals—whether supernatural or materialist, religious or humanist—that provide meaning for individuals, and shape the way society understands the Self and constructs the Other. The anthropological project would be hollow without these epistemological convictions (Fazioli, 2014: 350).

Pode parecer estranho que o cronocentrismo, como postura absolutizante, simplificante e radicalmente impermeável ao cotejo com o passado se tenha instalado de armas e bagagens junto de teorizadores que parecem abraçar os relativismos moral e epistemológico. Como entender que aqueles que rejeitam hierarquias e abrem as portas às possibilidades de outros saberes e de outras práticas, possam negar a concessão de um benefício da dúvida aos outros tempos? Na verdade, trata-se de uma postura relativista que tem horror à comparação e à análise histórica. E o relativismo sem comparações não é nem relativo nem comparativo, limitando-se a negar a hipótese de termos de equivalência ou de semelhança, centrando-se ora numa suposta diferença radical ou numa acusação.

O relativismo que pontua a antropologia e a sociologia contemporâneas, moldado pela ideia de que qualquer esforço comparativo⁵ nasce de uma prosápia imperial ou orientalista

⁴ A falácia cronocêntrica é caracterizada pela imposição de categorias coevas ao passado e resulta, sobretudo, de ver no passado um embrião ou uma preparação evolutiva para o que existe hoje, mas que se expressa por aperfeiçoamento, melhoria ou realização. Ver Downes, Rock e McCormick (2009: 20) para uma discussão da falácia cronocêntrica.

⁵ O esforço de análise histórica e a aplicação do método comparativo são claramente algumas das formas de superar o cronocentrismo e outros enviesamentos comuns nas ciências sociais. Numa análise de 6 ismos (cronocentrismo, etnocentrismo, paroquialismo, excepcionalismo, catastrofismo e impossibilismo) que tendem a privilegiar o “aqui e agora” sobre o “ali e então” e que podem fazer perigar a análise em ciências sociais ou, mais precisamente na criminologia, Daems (2006: 116) revela que se pode definir o cronocentrismo como um fenómeno onde:

(...) the challenging times we are now living in, in general, and the perceived discontinuities with the past in particular, tend to absorb all available attention.

Mais adiante (op. cit.: 125) considera as modalidades de combate a estes enviesamentos:

Historical studies, therefore, are the prime allies in resisting those –isms that have temporal dimensions, i.e. chronocentrism, catastrophism and impossibilism. Ethnocentrism and parochialism, on the other hand, are most effectively challenged by comparative analyses. Fighting exceptionalism calls for both.

de encontrar no outro um inferior a dominar, evoluiu para um espartilhamento radical do conhecimento, reafirmando que estes outros saberes são inteiramente distintos dos nossos e, como tal, não susceptíveis à comparação pela ausência de categorias neutras, objectivas e que façam justiça aos observados. Na análise histórica da sua própria sociedade, os mesmos cuidados não são evidentes e podem-se, sem problema, usar as categorias recentemente descobertas como forma de analisar, avaliar e posicionar os antepassados e suas práticas. Como é evidente, tal postura determina amiúde a aceitação do registo do observado e a sua potencial mistificação do observador, sempre pronto a acreditar que o que lhe foi dito não resultou de um esforço de empatia ou de boa vontade do nativo. À desconfiança constitucional que se dirige às declarações e actos dos antepassados sucede-se uma confiança sem recuos às declarações dos contemporâneos de outras culturas ou condições. Busca-se a inteligibilidade de comportamentos de grupos marginais e injustiçados, descobrem-se neles lógicas e sentidos que desafiam políticas públicas e ajudas internacionais, mas não se estende essa atitude complacente de justificação contextual às sociedades passadas que são submetidas a uma condenação imediata pelos seus supostos dislates. Trata-se de um relativismo generalizadamente flagelante e culpabilizante que não visa o conhecimento e o entendimento de práticas ou a localização dos quadros evolutivos de um fenómeno, antes pretendendo uma inversão justicialista que atenuie problemas de má convivência com os avós.

A expiação retórica assume o papel de acto de contrição laico e de lavagem limitada dos pecados que nunca poderão ser esquecidos. Escapa a muitos que esta postura cronocêntrica, não só tende a confundir compreender com justificar e legitimar como, de uma forma mais inesperada, tenda a perpetuar um etnocentrismo que era suposto combater. Na verdade, a relativização extrema e a impossibilidade comparativa, acabam por conduzir a uma singularidade de tal forma óbvia do observado que este termina sendo definido de um modo romantizado, pueril e simplista que lhe retira agência, capacidade de decisão e de racionalidade. A negação das sociedades estrangeiras como sociedades da razão não é um modo de evitar a sua inferiorização, mas a perpetuação de uma imagem de exclusão da própria humanidade.

O cronocentrismo marca uma representação do mundo, um sistema de crenças e uma concepção idólatra da actualidade, associando-se às ideias dos grandes perigos ou das grandes ameaças, sejam elas o produto de tendências inelutáveis que a nossa época potenciou, sejam elas o produto directo ou lateral da entrada em cena do Antropoceno. Os catastrofismos tecnológicos, informático, ambiental, robótico são uma das marcas deste cronocentrismo tão evidente na actualidade. A unilateralidade das evoluções possíveis, e das transformações induzidas, tende sempre a escamotear os efeitos positivos prováveis, salientando e sublinhando apenas os tons mais lúgubres e os sons mais desafinados da marcha das sociedades desenvolvidas. Teses como a sociedade de risco (cf. Beck, 1992; Beck, Giddens e Lash, 1994) ou caracterizações dos novos tempos como era de incerteza esquecem, ou deliberadamente ignoram, que épocas anteriores foram já caracterizadas por quadros semelhantes. Mesmo a ideia de que a nossa sociedade é a primeira na história com a capacidade para se autodestruir não é mais do que uma manifestação cronocêntrica que não ultrapassa testes comparativos. O que a análise história demonstra é que a capacidade de autodestruição não resulta da sofisticação tecnológica, mas dos usos de tecnologias acessíveis a cada momento. Cada tecnologia humana possui um limiar de utilização sustentável, cujo rompimento ou quebra pode constituir uma ameaça real à sobrevivência dos seus utilizadores. Os perigos tecnológicos resultam muitas vezes mais do número de utilizadores e da forma de utilização do que do carácter essencial dessa mesma tecnologia. Nesta linha de argumentação há quem vá mais longe e considere o cronocentrismo como uma das variedades, ou desculpas, do antropocentrismo.

Humans are trapped in their own particular historical and temporal framework and they cannot see the heritage from which they came, nor can they see the future to which they are headed. To many humans, their past environments were much as they are now, especially through a filter of indifference. If this is so, then there is reason to believe that the drastic environmental changes that environmentalists keep going on about are only mild afflictions and the future will not be any different from the past (Marshall, 1998: 159).

Definindo e caracterizando o cronocentrismo como um enviesamento e um obstáculo à reflexão sociológica, não queremos nem operar um reducionismo que transforme este no mais significativo problema da teoria sociológica, nem negar a presença de outros

enviesamentos temporais, nem mesmo negar que a utilização do argumento pode conduzir a situações de reapreciação histórica não menos graves do que a sua ignorância.⁶ Apenas elegemos, neste texto, o cronocentrismo como exemplo claro de uma tendência manifesta, comum e perniciosa de parte da teorização sociológica académica e que permeia também muitos dos saberes leigos que se exprimem quotidianamente em práticas, máximas, elementos retóricos, expressões políticas e orientações das jornadas diárias de qualquer actor social. No limite, o cronocentrismo não tem de ser presentista⁷, ainda que maioritariamente o seja. Podemos imaginar cronocentrismos que se definem por bitolas, elementos avaliadores, formas de comparação e registos que se centram em

⁶ Embora centremos a nossa análise no cronocentrismo sociológico, a postura cronocêntrica pode também ser detectada nos estudos psicológicos e ser vista como um traço de paroquialismo classista que naturaliza ou normaliza uma condição socio-histórica, convertendo-a numa referência ou numa regra evolutiva ou transformacional. Os conceitos de criança, adolescente, adulto são reificados com base em experiências locais e temporais e impostos a outros espaços e tempos. As categorias, transições e identidades tornam-se reguladas de modo cronocêntrico, o mesmo se podendo dizer dos tipos de leitura das raças, etnias ou identidades. A recusa da historicidade tem aqui os mesmos efeitos de enviesamento que encontramos na sociologia.

Every epoch tends to freeze its own unique experience into a historical version of Life-in-General. Modern developmental psychology witnesses this universal trend. Despite recent advances in our understanding of human development, our psychological concepts have generally suffered from a historical parochialism that takes the patterns, timetables, and sequences of development prevalent among middle-class children in contemporary Western societies as the norm of human development. For example, many developmental psychologists, like most laymen, consider it fairly obvious that human life falls naturally into a set of stages that can properly be labeled infancy, the preschool years, childhood, adolescence, early adulthood, middle age, and old age—for these are the stages which we recognize and institutionalize in Western society, and virtually all research on human development has been conducted in America or Western Europe. Historians or anthropologists, however, quickly note that these segmentations of the life cycle bear little if any relationship to the definitions of life stages in other eras or cultures. During almost any previous historical era in Western societies, the life cycle has been thought to consist of different stages than those we now acknowledge; in virtually every other contemporary culture, as well, the stages of life are quite differently defined. To attend seriously to these facts requires us to reexamine the assumptions of developmental psychology, and, in so doing, to open the door to a new possibility of collaboration between historians and developmental psychologists (Keniston, 1971: 332).

⁷ A versão radical de presentismo é que só o presente existe. Nenhuma das reflexões aqui patentes está associada à discussão filosófica sobre o presentismo e suas implicações e não entraremos aqui no debate filosófico sobre este conceito, nem referiremos as interpretações teológicas sobre a força e importância do cronocentrismo (cf. Gregersen, 2016) ou suas consequências e minudências. Para um desenvolvimento desses aspectos, veja-se por exemplo Asay e Baron (2014). No contexto deste texto qualquer referência a presentismo deve ser entendida como centralidade do tempo presente e nada mais. O presentismo é uma variedade forte de cronocentrismo que nega estatuto ontológico a todas as entidades que não se situam no presente. Há ainda que salientar que o termo cronocentrismo é também substituído amiúde por ‘epochalism’ (Crawford e Hutchinson, 2016: 1188).

certos passados ou em determinados futuros imaginados. Muita da literatura futurista e previsional é, no entanto, claramente presentista, na medida em que se limita a projectar no futuro as tendências que reputa mais importantes na sociedade actual ou que amplia receios e medos que se anunciam como relevantes. Do mesmo modo, alguns passados são escolhidos não por méritos relativos, mas porque marcam os contrastes mais vivos com aquilo que os seus criadores odeiam, ressentem ou desprezam na sociedade actual. Neste sentido, embora aparentemente centrais na concepção e na teorização, estes passados e estes futuros estão fortemente ancorados num presente que - ele sim - marca todo o esforço cronocêntrico. Mesmo as deslocações no espaço e no tempo que definem utopias e ucronias programáticas são amiúde nada mais do que a emanção de um tempo central que é o nosso.

Assim sendo, não produziremos, neste texto, nenhuma reflexão aprofundada sobre a natureza do tempo, sua dimensão categorial, sua presença metafísica ou religiosa. Interessa-nos apenas o tempo numa dimensão estritamente sociológica e confinada aos parâmetros de um enviesamento comum quer no pensamento leigo quer no pensamento académico que faz apelo a categorias de classificação de tipo temporal e esboça uma teoria em uso do que significa a evolução temporal e a avaliação do passado. Trata-se, pois, de um texto conceptual e programático que não avança para uma análise empírica pormenorizada dos exemplos de cronocentrismo nas sociologias leiga e académica. Cremos ser necessária uma conceptualização precisa, baseada numa profunda revisão da literatura, antes de avançarmos para o terreno do teste empírico do modelo e para uma comprovação sistemática das conjecturas aqui avançadas. Os exemplos aqui patentes são mais elementos discursivos e argumentativos do que testes empíricos à teorização proposta.

Em busca de um Paradigma

Como poderemos, então, definir cronocentrismo? Em vez de uma definição sintética e clara, optemos por uma primeira aproximação, baseada numa acentuação uniliteral de algumas das dimensões que o caracterizam, ou seja, esboçemos um tipo-ideal de cronocentrismo. O cronocentrismo corresponde, em primeiro lugar, a constituir um

tempo, ou uma época, como bitolas avaliativas, hierarquizantes e classificadoras, relativamente às quais se comparam todas as outras. Em segundo lugar, a caracterização tende para a hipérbole ao colocar os exemplos correntes como pontos máximos ou mínimos no desfilar histórico. Em terceiro lugar, corresponde a uma marcação de um sentido histórico, seja ele apocalíptico, seja ele o culminar de um processo de aperfeiçoamento ou de resolução de dilemas. Para além destes traços básicos, o cronocentrismo revela uma estranha incapacidade de comparar, nomeadamente porque é uma perspectiva que tende a recusar o uso de deflatores sociais⁸ que consigam ajudar a construir formas básicas de relativização. Do mesmo modo, o cronocentrismo associa-se a um padrão de generalização e construção de homogeneidades a que chamamos épocas, eras ou tempos, revelando uma incapacidade de entender a contingência, o acaso e o possibilismo e colando-se a uma série de princípios moralistas que identificam a vivência actual como a vivência real, menorizando todas as outras, mesmo que este processo seja acompanhado de sentimentos de nostalgia, de perda ou de tristeza. Mais do que o carácter único das sociedades contemporâneas, o cronocentrismo vê-as como culminar ou resolução de problemas e, como afirma Fowles no seu texto pioneiro, corresponde a um acto de fé no presente.

Given the present-day sensitivity to ethnocentrism, then, it is curious that there is no recognition of the identical error when it pertains to another dimension, that of time. The idea that our era is more significant than others provokes no chagrin; at worst, it is considered platitudinous. The immensity of the deception goes unnoticed. Chronocentrism - to give a name to the misconception-is the belief that one's times are paramount, that other periods pale in comparison. It is a faith in the historical importance of the present. As such, it suggests a slighting of the past and future (Fowles, 1974: 65).

Da maneira como Fowles o define, o cronocentrismo seria uma postura (infeliz) existente amiúde nas nossas sociedades. Mas a identificação deste traço vai mais fundo, no sentido em que parece ser a forma dominante nas ciências sociais e pode mesmo ser caracterizada como um pecadilho constitucional de uma disciplina como a Sociologia, no sentido em

⁸ Se na Economia, o uso de deflatores é corrente e evita cair em erros na comparação, por exemplo de séries de preços; na Sociologia é raro encontrarmos esta preocupação. Tal facto determina que se cometam erros sistemáticos, usando séries evolutivas sem qualquer redução a um número índice. É por essa razão que proliferam opiniões não provadas sobre a violência, a escolaridade, a ocupação do tempo ou tantos outros fenómenos sociais.

que o seu corpo conceptual e as suas teorias direccionais se edificaram com base em pressupostos cronocêntricos e frequentemente etnocêntricos. Podemos falar assim num cronocentrismo de sentido fraco – enquanto predisposição atitudinal para julgar os outros através da experiência contemporânea - e um cronocentrismo de sentido forte que afirma que não só os leigos são dominados por este enviesamento como a própria ciência do social está largamente subjugada a este princípio.

O cronocentrismo é uma das muitas manifestações daquilo a que poderíamos chamar o “alerta de Nicolau de Cusa” - onde quer que se encontre o observador, ele acreditará que estará no centro, seja este o centro do mundo, do tempo, do espaço, dos acontecimentos, etc. O cronocentrismo é apenas a emergência de uma espécie de egocentrismo, deslocado da mente para o tempo.⁹ Trata-se de actos de egoísmo e de soberba dedicados ao passado que aprisionam o tempo a um preconceito cultivado que conduz à crença de termos o privilégio de viver numa época de excelsas ou únicas qualidades. Na ausência de uma ignorância cultivada cusiana, não teremos como sair do cronocentrismo e de um descentramento de coordenadas absolutas, e não conseguiremos ultrapassar os enviesamentos. O cronocentrismo define o agora como horizonte e destino, como resolução de dilemas e forma de inteligibilidade, como acerto de contas e avaliação retrospectiva. O cronocentrismo lida bem com a supressão imaginária de milhares de anos ou com a avaliação que neles nada se passou, o que esboça uma aproximação desses

⁹ Este egocentrismo foi bem identificado por Berger quando afirma que:

All share the conviction that modern man stands on some sort of cognitive pinnacle, from which he can survey and overcome the shortcomings of all his predecessors... Is it not possible that, while modern man has gained some valid insights into reality, he has also lost some equally valid insights (Peter Berger cit. in Garrison, 1988: 90).

O cronocentrismo pode ainda ser uma manifestação de egocentrismo em casos de construção biográfica:

The temptation remains great, as Gottschalk emphasized, for the biographer to read too much into his or her subject, making him, or her, too greatly the centre of action and apologizing (or condemning) too much through a kind of vicarious egocentrism and ‘chronocentrism’ (Gottschalk et al. 1945: 57).

Por seu lado, Tom Standage (1998) prolonga este egoísmo da esfera pessoal ao terreno colectivo de grupos e gerações ao definir a cronocentricidade como “the egotism that one’s own generation is poised on the very cusp of history”. Nos seus termos, uma invenção como o telégrafo foi mais desconcertante para os que presenciaram o seu nascimento do que qualquer transformação tecnológica que se esteja a desenvolver nos dias de hoje. Parece difícil a um cronocentrista distinguir, por um lado, entre velocidade e taxa de mudança e, por outro, entre exigências absolutas e relativas, ou seja, entender que a mudança significativa é resultante de um rácio entre o que é pedido e o que é possível fazer. Ou, como afirma Morson (1994b: 52), o cronocentrismo confere autoridade aos preconceitos do nosso tempo e é parte de um egoísmo natural em ver o nosso tempo como especial (1994a: 13).

séculos de vazio a considerações de sociedades sem história, dominadas por uma constante e entorpecente repetição dos mesmos ritmos. Negar a história e o evento, recusar a dinâmica é resultado de uma posição cronocentrista que exclui e discrimina de acordo com programas bem definidos,¹⁰ elevando o efémero presente ao pedestal de momento sublime, avaliador e juiz dos tempos passados.

Os usos do termo revelam uma forte polissemia que conduz a interpretações distintas. No limite, cronocentrismo significaria apenas a definição de uma era pautada por uma preocupação central com o tempo e onde o tempo se constitui como categoria dominante das nossas existências. Tal situação seria compatível com todas as teorizações que fazem da concatenação da mudança em tempos curtos o eixo central das nossas existências. Mas o cronocentrismo também pode ser definido como uma concepção filosófica onde o tempo se define como categoria dominante que permite julgar o passado através de qualidades que o presente elegeu ou elevou à categoria de dominantes, certas, justas e bitolas de qualquer avaliação possível e desejável.

A certeza moral e técnica que caracteriza o posicionamento dos cronocentristas militantes condu-los a leituras confirmantes das suas posições e à recusa de confrontação com outros, quase sempre tidos como arautos de programas execráveis. A descaracterização do outro como não merecedor de atenção culmina não só em visões empobrecidas como constrói um snobismo intelectual indelével. Citemos, a este propósito, uma longa passagem biográfica de Lewis (1966) que demonstra à sociedade o reconhecimento implícito dos modos como o cronocentrismo se pode expressar como snobismo

intelectual e cronológico¹¹, mesmo quando os alvos do exercício da soberba o parecem impor e ser autoevidentes. Desacreditar o antigo, ou simplesmente o que está fora de

¹⁰ Usamos o termo discriminar no seu sentido original de escolha analítica e criteriosa e não de acordo com a banalização sociologizante actual que o transformou numa prática aviltante.

¹¹ Um excelente exemplo deste snobismo cronológico, que se encontra bem arreigado em meios académicos e leigos, é o da caracterização da Idade Média como Idade das Trevas ou tempo arcaico e de atraso. Muitos acreditam firmemente que o período convencionalmente situado entre as quedas dos Impérios Romanos do Ocidente e do Oriente, cerca de mil anos de história, é um vazio cultural, um interregno ou um tempo perdido na preparação da modernidade. Frequentemente, a análise que afiança que os membros de sociedades passadas poderiam e deveriam ter agido de forma diferente não é mais do que o reflexo de uma falácia de *hindsight*, ou seja, produzimos uma avaliação retrospectiva que leva em linha de conta as evidências e as informações de que dispomos hoje, mas que manifestamente não existiriam ou seriam lidas apenas parcialmente pelos membros das sociedades sob observação. Trata-se de demonstrar que alguém de

moda, torna-se no mecanismo “natural” de selecção que deve ser acompanhado por uma retórica crua de desconsideração.

First Harwood (...), and then Barfield, embraced the doctrines of Steiner and became Anthroposophists. I was hideously shocked. Everything that I had labored so hard to expel from my own life seemed to have flared up and met me in my best friends. Not only my best friends but those whom I would have thought safest; the one so immovable, the other brought up in a free-thinking family and so immune from all "superstition" that he had hardly heard of Christianity itself until he went to school. (...) And as I came to learn (...) what Steiner thought, my horror turned into disgust and resentment (...) Here were gods, spirits, afterlife and pre-existence, initiates, occult knowledge, meditation. "Why—damn it—it's medieval" I exclaimed; for I still had all the chronological snobbery of my period and used the names of earlier periods as terms of abuse (...) Naturally, I attributed to my friends the same desires which, had I become an Anthroposophist, would have been operative in me. I thought they were falling under that ravenous, salt lust for the occult. I now see that, from the very first, all the evidence was against this. They were not that sort. Nor does Anthroposophy, so far as I can see, cater for that sort. There is a difficulty

uma geração actual finalmente vê o que escapou inteiramente às gerações anteriores, demasiado cegas para se aperceberem do erro, esquecendo-se de mencionar que a clarividência de hoje se faz à custa de algo que só recentemente veio à luz e que era inexistente ou desconhecido à data relevante (cf. LaRossa et al. 1991: 989).

O cronocentrismo impõe declínios e vazios sem se dar conta que esta imagem generalizante é apenas particular e etnocêntrica. A suposta Idade Negra da Idade Média expressa enviesamentos duplos – um geográfico-cultural – nada fora do mundo ocidental é considerado – e em segundo lugar desconsideram-se todas as inovações e mudanças ocorridas na Europa durante esse período porque o visitamos cronocentricamente como estando entre dois apogeus de mudança – O Império Romano e a Renascença. Em múltiplos sentidos, o cronocentrismo reflecte um tempo moderno ou um tempo de modernização que avalia cometimentos e capacidades, qualidades e virtudes pelo grau de transformação que introduzem e que visam o progresso das sociedades. A veneração e glorificação da mudança como tendo uma qualidade intrínseca encontram-se umbilicalmente associadas ao cronocentrismo. Evolução, progressismo e teleologia convergem nas argumentações cronocêntricas e agudizam a sua centralidade. Embora sustentando uma perspectiva mais relativista e não totalmente coincidente com a análise que propomos, McGlynn (2010) foca directamente a questão das comparações entre níveis de violência, sentimentos de perda e inquietude das vidas para revelar que não há nada que sustente a posição de que as pessoas da Idade Média estariam preparadas para sofrimentos maiores ou que tinham expectativas diferentes das nossas. Assim, um traço comum de humanidade intemporal condu-lo a definir como cronocentristas todas as tentativas de considerar que o investimento paternal nos filhos seria menor do que hoje. A crítica é aqui dirigida a quem acredita que morte e sofrimento podem ser definidos a partir de uma lógica racional ou de uma análise economicista e passa por recusar que a modernidade é melhor e mais civilizada ou que corresponde a um avanço sobre o passado. Comparando o que aconteceu contemporaneamente no Rwanda e na Bósnia com a Idade Média pode oferecer várias pistas para uma análise sobre a violência, mas não deve implicar juízos simples sobre igualdade ou diferença. A tese é aqui a de uma continuidade da definição da humanidade que não é entravada nem pelo tempo nem pelo espaço. O cronocentrismo deve ser derrubado porque a humanidade é una.

and (to me) a reassuring Germanic dullness about it which would soon deter those who were looking for thrills. (...) Barfield's conversion to Anthroposophy marked the beginning of what I can only describe as the Great War between him and me. It was never, thank God, a quarrel, though it could have become one in a moment if he had used to me anything like the violence I allowed myself to him. But it was an almost incessant disputation, sometimes by letter and sometimes face to face, which lasted for years. And this Great War was one of the turning points of my life. Barfield never made me an Anthroposophist, but his counterattacks destroyed forever two elements in my own thought. In the first place he made short work of what I have called my "chronological snobbery," the uncritical acceptance of the intellectual climate common to our own age and the assumption that whatever has gone out of date is on that account discredited. You must find why it went out of date. Was it ever refuted (and if so by whom, where, and how conclusively) or did it merely die away as fashions do? If the latter, this tells us nothing about its truth or falsehood. From seeing this, one passes to the realization that our own age is also "a period," and certainly has, like all periods, its own characteristic illusions. They are likeliest to lurk in those widespread assumptions which are so ingrained in the age that no one dares to attack or feels it necessary to defend them. In the second place he convinced me that the positions we had hitherto held left no room for any satisfactory theory of knowledge. We had been, in the technical sense of the term, "realists"; that is, we accepted as rock-bottom reality the universe revealed by the senses. But at the same time we continued to make for certain phenomena of consciousness all the claims that really went with a theistic or idealistic view. (Lewis, 1966: 206-208)

Para lá desta dimensão atitudinal de snobismo, o cronocentrismo possui uma dimensão mais técnica e pragmática que resulta do seu tom excessivo e dos seus exageros. Powelson (1994) usa, aliá, a expressão “cronocêntrico” como excesso de ênfase no nosso período histórico. Trata-se de uma hipérbole que perturba a observação e a que poderíamos chamar uma certa miopia educada, ou melhor, um problema de aplicação de uma lente que resulta da própria educação. Se o etnocentrismo resulta mais de uma falta de conhecimento, o cronocentrismo surge amiúde como um enviesamento cultivado que se expressa numa atitude de superioridade manifestada por iluminados e não por néscios. Levanta problemas metodológicos e epistemológicos sérios, ao nível da comparação e da comparabilidade e ao nível ontológico, no que diz respeito à presumida definição dos homens do passado. Há uma recusa de empatia (no sentido mais puro de colocação no lugar do outro) se ela for marcada por uma deslocação temporal em vez de uma

deslocação espacial. A contrafactualidade, a uchronia, a história alternativa são instrumentos sérios de combate ao cronocentrismo, se usados de acordo com formas rigorosas de investigação que não cedam aos mesmos enviesamentos que caracterizam o próprio cronocentrismo. O cronocentrismo pode ser, pois, batalhado com a ideia de possibilidades objectivas weberianas e tardianas, produzindo uma reflexão sobre algo que podia ter acontecido antes (ou poderá acontecer depois). No limite, o combate ao cronocentrismo passa por uma recusa do determinismo histórico e implica uma abertura radical aos elementos contextuais ou conjunturas (cf. Gibson e Sterling, 1991).¹²

O cronocentrismo, ancorado como está às dúvidas e preocupações com o presente, tende a conduzir os seus mentores a afirmações oscilantes entre optimismo e pessimismo radicais que são orientadas sobretudo por inovações e mudanças tecnológicas. To (2016) coloca a questão de uma forma cristalina quando analisa o mundo financeiro contemporâneo e coloca travões aos excessos de optimismo depositados na inovação, mas também às fáceis previsões de singularidade e de risco. Apesar de todas as nossas convicções, as gerações de hoje são largamente semelhantes às gerações passadas e a convicção relativamente à existência de um *quantum leap (in front ou backwards)* é largamente ilusória e repousa em nada mais do que ideias frágeis e não escrutinadas.

A simplicidade analítica cruza-se facilmente com o simplismo interpretativo e conduz a um reducionismo que esquece a complexidade de organizações e instituições. Reinecke e Shaz (2015: 642) afirmam que o cronocentrismo mascara essa complexidade fenomenal, ignorando os processos temporais, os fluxos e as transformações. As dimensões plurais das organizações, os seus espaços tensionais entre controlo e complexidade são reduzidas a quase nada. No campo institucional, Hobson salienta que

¹² O uso de uchronias nas ciências sociais está infelizmente muito limitado quer na sua dimensão de bifurcação temporal possível ou provável, de modo a estabelecer uma separação entre mecanismos de causalidade accidental e adequada, quer também na sua dimensão de possibilismo futuro, associado à construção de alternativas evolutivas. O primeiro exemplo de uso ucrónico e contrafactual foi estabelecido de forma assinalável por Weber (1949, 1978) e o segundo por Tarde (1892, 1904) nos seus contos que antecipam o que poderíamos chamar a Ficção Científica Sociológica. Em qualquer dos casos, o cronocentrismo é claramente problematizado e identificado, ainda que sem uma designação própria. Já Gibson e Sterling (op. cit.) estabelecem uma bifurcação temporal vitoriana que resulta do desenvolvimento por Charles Babbage de um verdadeiro computador que estabelece uma aceleração tecnológica que produz importantes transformações sociais, económicas e políticas. Neste caso, uma novela ucrónica é iluminante a respeito do que pode constituir-se como construção cronocêntrica.

‘[t]empocentrism is a mode of ahistoricism which conveys the illusion that all international systems are equivalent (isomorphic) and have been marked by the constant and regular tempo of a chronofetishised present, which paradoxically obscures some of the most fundamental constitutive features of the present international system’ Hobson (2002: 12).

A fetichização e o isomorfismo aplanam a realidade e conduzem a um problema de índole política que Bluedorn (2008) refere: a possibilidade de o tempo humano se estar a tornar mais homogêneo, correspondendo a uma hegemonia temporal que teria um quadro explicativo do qual o cronocentrismo faria parte. Para lá da dimensão de convencimento sobre uma superioridade tecnológica inquestionável, a postura cronocêntrica esboça uma superioridade moral ou, como este autor afirma:

This dismissive attitude toward anything not-of the-present is a phenomenon properly labeled chronocentrism, which is “the tendency to attribute more positive attributes to one’s own times than to those of others, especially the times of those who lived in bygone eras” (Bluedorn, 2002: 288).

Mas será que este fetichismo não acaba por ser um traço característico de todas as épocas e sociedades, ou seja, não será o cronocentrismo equivalente à aceitação de que a teorização social é fruto da sua época? Não é esta a posição de um autor influente como Lewis Mumford que faz depender a sua presença, ou melhor, a sua agudização, da existência de uma sociedade como a nossa.

Although chronocentrism can be seen as a special form of ethnocentrism, some analysts such as Mumford see it as a relatively recent phenomenon, at least as far as attitudes toward the past are concerned. So if Mumford’s observation can be accepted as accurate, at least for many sectors of the postindustrial world, a kind of temporal alienation has developed wherein an overemphasis on the present and its presumed virtues has not just severed connections with the past and the future, it has actually produced a disdain for even considering them (Bluedorn and Standifer, 2006: 203).

Claro que a reverência pelo passado convive com o cronocentrismo, mas trata-se quase sempre de um passado algo bafiento e museológico cuja preservação obedece a uma ideia de que recordar não é lembrar, mas reconstruir criativamente. Ler respeitosamente o passado é sempre ler de joelho em terra o que se pretende preservar e que se identifica como uma valorização útil do que agora se cria, obscurecendo ou eliminando mensagens

menos virtuosas que perpetuam memórias que queremos convenientemente esquecer ou preservar como anti paradigmáticas.

At the very least, the care and honor accorded these gifts from earlier eras by their modes of display and presentation in the museum creates a respect for these earlier times, perhaps for other times in general, and in this way partially counteracts the chronocentric tendencies of much contemporary life, the tendency to be “so fatuous as to imagine it possible to live exclusively within its [our generation’s] own narrow time-band.”(...) But even more profound is, perhaps, the likely link between temporal depth and chronocentrism and how temporal depth might be used to address it. Although our evidence is largely introspective, we hold a resilient faith that the lengthening of temporal depths is apt to help restore some much needed temporal humility to the citizens of our far-too-often temporally myopic civilization. (Bluedorn and Standifer, 2006: 204).

Sejamos claros, o cronocentrismo é predominantemente presentista¹³, remetendo para reapreciações do passado, mas há que convir que não esquece o futuro. Neste campo, o cronocentrismo assume frequentemente um tom profético-milenarista que permite ver o nosso tempo como um sinal, arauto, símbolo de algo grandioso ou trágico, transformando o presente no único tempo real. Mas ele pode também corresponder a uma tentativa de salvar, resgatar ou meramente trazer o outro das suas arcaicas formas de vida para as delícias da civilização e da verdadeira e profunda vida. Por vezes, mesmo os declínios evidentes de fenómenos sociais complexos são apresentados como estando em crescimento acelerado.

A concatenação é outro dos domínios típicos de cronocentrismo, usando um mesmo rótulo desvalorizante ou ultrajante para contaminar facilmente aqueles com os quais não concordamos – alguém que coloca dúvidas é definido como negacionista e assim

¹³O cronocentrismo é normalmente presentista, mas não tem de o ser. Uma observação de algo tão fora do nosso campo analítico como um fórum de discussão que constrói redes sociais de doentes sujeitos a operações bariátricas permite notar que a postura cronocêntrica está profundamente arraigada ao comportamento dos actores sociais.

This restriction caused the posters to adopt a chronocentric way of thinking—that is, a polarization of certain time periods of life, where one specific period is considered vastly superior to all others. For the writers of the forum posts, this superior time period of their lives was expected to come in the future, after the surgery (Willmer e Salzman-Erikson, 2018: 10).

sucessivamente. Milenaristas e apocalípticos são dominantes na exposição das afrontas. A comparação e a relativização são substituídas pela menorização e pelo relativismo.¹⁴

No cronocentrismo actual convergem culturas de culpa e de vergonha. Existe uma componente de culpa relativamente às heranças e de vergonha por se ter de assumir raízes que estão profundamente ligadas a empreendimentos dos quais nos teremos de distanciar e abjurar.

A régua e o esquadro hodiernos definem os desvios incorridos no passado que não resultaram de falta de bússola ou de sextante, mas antes de preconceitos bem arraigados. O cronocentrismo nem sempre é imposto, sendo mesmo visto como necessidade por elites locais que ambicionam integrar-se no tempo do centro e escapar ao tempo das periferias. De forma a impor-se como forma discursiva e prática, este enviesamento exagera problemas, solicitando acções e medidas políticas imediatas, sob pena de o problema se tornar irresolúvel e poder acarretar catástrofes imprevisíveis. No seu seio, encontramos um complexo de exigências e sentimentos de ultraje aplicados respectivamente a supostos algozes e putativas vítimas de processos que seriam ininteligíveis para uns e outros. Uma sociedade cronocentrista é petulante e ensimesmada, acreditando ser o santo-e-senha para o entendimento das histórias. Nesta sociedade encontramos um mundo de ilusões e sombras que obedecem a fluxos de luz intermitente apostados em iluminar apenas áreas a necessitar de revisão e a deixar numa penumbra infinita as inconveniências e os contraexemplos. É por isso que, amiúde, a história não é importante por revelar factos, acontecimentos e transformações, mas por tornar claras as opiniões que cada autor, escola ou corrente têm sobre elas.

Parte significativa da desmontagem dos argumentos cronocentristas provém de reflexões produzidas nos mundos das artes e das humanidades e até da arquitectura. Curiosamente, as análises produzidas não divergem das que citámos anteriormente e podem ser consideradas largamente coincidentes na identificação de problemas. No mundo das artes impor categorias a formas tradicionais representa um modo cronocentrista semelhante ao que encontramos nas sociologias, no sentido em que a arte também pode impor esquemas

¹⁴ Para uma discussão das afinidades entre presentismo e relativismo, veja-se Balashov e Janssen (2003).

visuais e formas de representação descontextualizadas e transpostas no tempo. Também há cronocentrismo quando certas leituras e traduções impõem imagens do tradutor e fixam modelos que seriam estranhos aos autores que se tornam recordáveis não pelo que produziram, mas por versões e leituras da sua obra que demonstram o passar dos tempos e os quadros ideológicos que se vão fixando. Não raras vezes, fala-se de autores que não se conhece realmente ou que foram filtrados por guias de leitura que apresentam uma parcelização cómoda da obra produzida. A própria escolarização contemporânea, orientada para um facilitismo e para um combate ao suposto aborrecimento que resulta da leitura ou da contemplação de um original algo *démodé*, ajuda a produzir estes pequenos quadros resumidos e sínteses enviesadas. Quem tem tempo ou disponibilidade para ler Proust ou Musil? Por que não confiar em ensaístas que facilitaram esse trabalho?¹⁵ Este é um processo que poderemos estender às ciências sociais e que culmina na aceitação não de um clássico, mas de uma visão particular dos clássicos. Assim, teremos milhares de Marxs e Webers, interpretados à luz de um acontecimento presente que supostamente os transforma nas intenções e nas práticas. É evidente que o derrube do cronocentrismo não se faz, aqui, sem espinhos e um dos problemas que pode surgir é o problema da intencionalidade presumida, da motivação ou sentidos subsumidos de obras ou eventos num esforço que procura mimetizar o que se passou tal como se passou e foi vivido. Este problema, classicamente definido como o problema do *intentio auctoris* é evidentemente inultrapassável e potencialmente estéril, mas hoje parecemos estar mergulhados num oceano onde o cronocentrismo criou o domínio do *intentio lectoris*. No lugar de tentar perceber o autor, passamos a importar-nos com a forma como um leitor ou grupos de leitores impõem uma versão ou um quadro interpretativo subordinado ao *esprit du temps*.

¹⁵ Connors (1997) propõe uma história sem uma ideologia de fundo, apoiada numa busca de controlo consistente de antiquário que visa construir explicações coerentes para factos históricos e causalidades. O arquivo é o ponto de partida. Abandona a sua visão maniqueísta tradicional, onde se contrastava um passado mal orientado com um presente iluminado, ou seja, procura evitar um erro cronocentrista resultante de uma limitação das fontes a manuais ou sebatas. Nesta perspectiva, o cronocentrismo é não só um erro como uma preguiça intelectual que limita o trabalho académico ao facilmente disponível e à crença em ideologias de fundo ou leituras de terceiros.

No interior do panorama artístico, o cronocentrismo também se instala de armas e bagagens no campo musical, oferecendo múltiplas hipóteses de debate ao redor das questões do verdadeiro, do autêntico e da proximidade com uma ideia pristina de original. Haynes (2007) refere que existe cronocentrismo no campo musical quando se insiste em tocar todas as épocas musicais da mesma forma, sem consideração por estilos e instrumentos, afirmando que a dimensão mais perniciosa do cronocentrismo resulta da ausência de consciência da sua presença por parte dos seus praticantes. O cronocentrista torna-se num jovem algo irresponsável, fascinado por um tema e que produz uma normalização e naturalização sistemáticas do presente que passam a regular todas as avaliações e interpretações do passado, mas sem que tenha um desejo evidente de o fazer. Mas o cronocentrismo artístico também pode implicar ficar preso a uma concepção passada que se cristalizou e se definiu como normal, nomeadamente quando testemunhamos a presença de instrumentos românticos nas orquestras contemporâneas, com desenhos que pouco ou nada evoluíram. Num singelo dicionário das artes, Harding (2006) define com clareza o sentido do cronocentrismo como uma tendência para o auto-engrandecimento do tempo em que vivemos e concomitante desvalorização dos momentos anteriores. Ou seja, nas artes, o cronocentrismo encapsula visões e nega virtudes a outros tempos. Mesmo que muitos artistas estejam conscientes destes problemas, outros ficarão presos na sua cápsula protectora que lhes oferece fácil integração e claro reconhecimento.

The self-indulgent tendency of the most recent era (and its history, values, etc.) to see itself as more important, more highly developed or more relevant to human experience in general than any other era (Harding, 2006: 32).

Esta superioridade artística e moral conduz a que o cronocentrismo, em termos musicais

(...) is manifested by applying our modern performance philosophy to the music of all other eras rather than matching the music of a particular era with the performing style that goes with it. This “attitude” is now largely abhorred in progressive society, but still permeates music. We are asked to be sensitive to the contemporary “Other,” but not the past “Other” (Haynes, 2007: 14).

E o cronocentrismo exprime-se de uma forma performativa nas actividades e práticas de maestros e regentes de orquestra.

It is on this notion, the chronocentrism, that the conductor creates his own time. The refined musician, having a genuine knowledge of music, gives value and authenticity to the work he performs, by carefully selecting his repertoire and by interpreting works belonging to various music genres. He has the power to dilate or to comprise time. Time represents the compression of the trinity past-present-future, the conductor recreating, through it, the musical creation and history Mirea (2016: 208).

A entrada em cena de interpretações híper-relativistas e das teses pós-modernas tem tido o condão de instalar a argumentação cronocêntrica em múltiplos domínios. É exactamente com base numa apreciação dos debates em torno do pós-modernismo, especialmente nos terrenos da geografia e da arquitectura, que Ley (2003) defende a ideia da existência de um conhecimento contemporâneo que é simultaneamente grupo e cronocêntrico, no sentido em que segue uma corrente dominante. Existe a aceitação tácita de um relativismo epistemológico em que o espaço-tempo e a comunidade de que se faz parte moldam as possibilidades de construção do saber. Se quisermos radicalizar a posição de Ley, e levar o pensamento um puco mais longe, poderíamos desenvolver um corolário cronocêntrico marcado por uma hipótese auto-biográfica de construção teórica. Tal equivaleria a afirmar que cada teoria reflecte as condições de vida e a experiência do seu criador. Nesta acepção radical poder-se-ia explicar o Freudismo pelas vicissitudes vivenciais de Freud, ou o Nietzscheanismo pelo percurso de Nietzsche. Se se aceitar este pressuposto, o cronocentrismo é imanente à ciência e, em particular, à teoria sociológica, sendo uma tendência inescapável. De qualquer modo, trata-se de uma tese com os seus problemas, uma vez que estabelece uma ancoragem contextualizadora às teorias, tal significando que elas se definem e caracterizam por uma inserção óbvia num ciclo de vida que as define como mortais. As teorias sobreviveriam enquanto as comunidades e as condições que as moldaram sobrevivessem, sendo esquecidas de seguida. Deste modo, o cronocentrismo da produção geraria o cronocentrismo do esquecimento. Sendo contextual, a sociologia não poderia criar um corpo conceptual generalista aplicável em diferentes contextos e quedar-se-ia por um empreendimento que se afastava mais e mais da ideia comum de ciência. Através do cronocentrismo, teorias, discursos académicos ou formas explicativas derivariam rapidamente para o panegírico, para a eulógia ou, mais frequentemente, para incentivos de Catão ou jeremiadas arrebatadas.

The achievement of modernism was often associated with a trashing of the past. This view of history and temporality bears the traits of what Jean Baudrillard (...) described as chronocentricity, an excessive elevation of the present as a special era, worthy of particular attention. For such a prejudice, the present is regarded as a threshold of epochal change, a fulcrum in the sweep of history. This tendency shows no sign of weakening, as we recall the breathless sequence of epochal breaks identified in human geography in the past generation: postindustrialism, post-fordism, postmodernism, poststructuralism, postcolonialism, postnationalism, post-marxism. It all makes our era, 'the now of my present', an essential historic fulcrum (...). Such a distinctive view of temporality is a defining characteristic of modernism as local knowledge. The shock of the new is welcomed, there is an exaggeration of the significance of the present, a loss of collective memory, even a dismissal of the past as unworthy, a moral failure. Such an intensification of the present is historically shallow. While assembling a new theoretical product with a capacity to create new human capital, it hastens also the capacity to forget. Erection of the 'posts' is an exercise in boundary formation, an exclusion and devaluation of the past, including its capacity to measure the present. It is a distinctive mark of modern hubris that earlier understanding is consigned to oblivion, its standards of accountability forgotten (...) The chronocentricity of modernism sharply delimited superior and inferior cultural content as well as building forms, and its system of valuation was generous in the attribution of purity, truth and morality to the modern project (Ley, 2003: 547, 549).

A busca de um paradigma de análise do cronocentrismo permitiu identificar os seus traços mais essenciais: uma atitude de soberba intelectual, snobismo ou egoísmo relativamente ao passado, sobretudo se este corporiza exemplos que consideramos opostos aos nossos valores presentes; uma desconsideração da comparação e do uso de elementos técnicos que a permitem; uma posição de não empatia para com aquele que está temporalmente afastado de nós; uma atribuição retrospectiva de culpas a actores que as não reconheceriam, bem como rotulagens de vítimas a quem não se identificaria como tal; um tom exagerado ou hiperbólico de avaliação das sociedades não coevas; um tom de relativismo radical que não passa do espaço para o tempo.

Terminamos esta secção, chamando a atenção para a análise de Rosnay (1975: 205, 213-214), autor que concede que o termo cronocentrismo é um pouco estranho, mas que considera que o devemos colocar a par com o etnocentrismo e o geocentrismo, enquanto enviesamentos dos quais é forçoso libertar-nos. O cronocentrismo constitui uma prisão do tempo e das palavras e uma forma de paralisia. Fugir ao cronocentrismo é fugir à seta

do tempo e aceitar esquemas de causalidade difusa. Há que abandonar o encerramento rítmico do tempo único ao qual a sociedade em que vivemos nos conduziu e que nós próprios aceitámos como condenados voluntários. Para Rosnay, as oportunidades de nos surpreendermos e maravilharmos são múltiplas e mergulhadas em tempos, ritmos e ocasiões muito diversas que ora param, ora aceleram, ora desaparecem. O cronocentrismo impede-nos de ver o mundo e faz-nos passar ao lado de universos paralelos e poéticos.

Etnocentrismo e Cronocentrismo

Se aceitarmos a visão de William Graham Sumner (1906: 13) a respeito do etnocentrismo - “the view of things in which one’s own group is the centre of everything, and all others are scaled and rated with reference to it”, poder-se-ia afirmar que ela pode ser usada como fonte para uma definição de cronocentrismo (exactamente a ideia citada por Fowles, 1974). Note-se que a definição de Sumner não implica necessariamente que a outra cultura, ou melhor, a cultura dos outros seja obrigatoriamente inferior à nossa, dimensão à qual o pensamento comum reduziu o conceito de etnocentrismo. Na verdade, trata-se apenas de considerar que existe um ponto de vista analítico e referencial que deve ser usado e que esse coloca os nossos valores como escala, bitola e instrumento técnico do qual derivam todas as possibilidades comparação e hierarquia. Pode até acontecer que o uso das escalas, construídas com base no referente da nossa cultura, nos conduzam à percepção ou mesmo assunção de uma inferioridade nativa em face de uma cultura estrangeira, mas permanece o facto de sermos nós os criadores de uma possibilidade de observação, catalogação e medida.

Mais do que uma ideia nascente de superioridade visceral, as posições etno e cronocêntrica marcam apenas a eleição de uma contextualização de referência que se define pelo nosso espaço e pelo nosso tempo. Mesmo que a nossa temporalidade não seja necessariamente a melhor, ela marca um caminho sem alternativas e um horizonte insubstituível. As sociedades passadas existem como percurso delineado, provavelmente trágico, para a chegada ao hoje. Mesmo que o cronocentrismo não implique necessariamente uma teleologia ou uma escatologia salvífica, ele empurra-nos para um caminho cujos desvios são impossíveis. Tal como referimos na secção anterior, as visões

contrafactuais, as ucronias ou os possibilismos estão longe das perspectivas cronocentristas, já que estas desenham um tempo sem fuga, sem escapatória, sem derivação ou alternativa.

Por outro lado, será que devemos classificar o cronocentrismo como um erro ou como um enviesamento? Certamente que ele não possui a carga negativa associada ao etnocentrismo. No limite, é compreensível que uma soberba posicional relativamente aos mortos não seja causadora da mesma reacção que um desdém atirado aos vivos e diferentes. No entanto, e do ponto de vista analítico e de formação do conhecimento, o cronocentrismo implica consequências mais sérias e embaraçantes, precisamente pelo facto de ser um problema menos detectável e mais insidioso. Qualquer cientista social atento, ou mesmo em fase inicial dos seus estudos, será capaz de reconhecer os desvios etnocêntricos e as suas implicações, mas poucos entenderão desde logo as consequências e efeitos perversos de uma postura cronocêntrica. Muitos aceitarão mesmo que as épocas anteriores possam ser caracterizadas com rótulos generalistas sem que estes provoquem uma diminuição de empatia com os observados. Mas a rotulagem é, por si só, uma forma de concatenação que rouba personalidade ou identidade aos observados. Na verdade, a “descoberta do outro”¹⁶ parece limitar-se a um esforço de sincronia, pelo qual aceitamos conferir um estatuto de igualdade ontológica a todos aqueles com quem contactamos, independentemente dos seus valores, hábitos e costumes. Aceitamos ainda que não podemos definir um atraso constitucional inteiramente baseado no seu suposto atraso

¹⁶ Tal como a descoberta do outro no espaço beneficiou de vários registos romanescos que permitiram a construção de diferentes ângulos de visão e de diferentes quadros comparativos, também a descoberta do outro temporal teria algo a ganhar com a proliferação de encontros intertemporais. No entanto, se sobre a comparação espacial produzida entre grupos étnicos, raciais e culturalmente diferentes, não para necessariamente a ameaça ou o espectro de um pensamento distorcido, as comparações intertemporais estão permanentemente sob a suspeita do revisionismo, do revanchismo ou do negacionismo como se a história fosse uma sucessão de acusações e manifestos de culpa e perdão por parte dos antepassados. Não temos a mesma indulgência para o passado que manifestamos para múltiplos actos do presente. O cronocentrismo é mais grave do que o etnocentrismo, do ponto de vista epistemológico, porque o segundo pode ser alvo de uma operação de inversão plausível que corresponde a fazer passar o observador pelo escrutínio do observado, seja esta uma operação real ou forma conjectural dotada de verosimilhança, com a aplicação de categorias coevas (tal é o caso do Discurso do Velho do Taiti no Suplemento à viagem de Bougainville de Diderot, 2008). Já no caso do cronocentrismo, não há possibilidade de inverter objectivamente as observações e as conjecturas plausíveis serão sempre esforços ucrónicos permeados por quadros ideológicos difíceis de afastar. A multiplicação de pontos de vista é sempre possível, mas os seus graus de credibilidade são diferenciados.

tecnológico ou no não uso de ferramentas sofisticadas. A alteridade sincrónica pode até ser vista através do prisma de um reencantamento neo-romântico que redefina o primitivismo como solidez ou harmonia ecológica, mas o mesmo raramente é concedido ao antepassado com o qual nos cotejamos.

A imposição de categorias coevas a esferas temporais passadas implica mesmo a transferência histórica de chancelas e de caracterizações aviltantes ou achincalhantes a figuras, grupos ou sociedades que se vêem, num golpe, definidas pelos erros e imoralidades que intelectuais do nosso tempo os resolveram presentear. Os dois centrismos aqui referidos são inerentes às possibilidades de comparação e podem definir situações múltiplas ou enviesamentos sistemáticos estabelecidos num quadro de duas entradas: simultaneidade de presença dos dois centrismos, ausência simultânea dos dois ou presença de um deles. Uma consequência directa e imediata de uma postura cronocêntrica é a da convergência nos extremos de uma apreciação reflexa sobre o nosso tempo. Quando o ponto de vista da observação radica em princípios ancorados à nossa experiência de hoje, é comum cair ou numa tese de decadentismo e catastrofismo que tanto pode caracterizar conservadores como socialistas, ou numa tese panglossiana de vida no melhor dos mundos. O cronocentrismo conduz a um raciocínio de espirais de inevitabilidade ou de ausência de fuga, situação que apresenta evidentemente traços comuns com posicionamentos trágicos, ou seja, com quadros em que a liberdade dos actores coexiste com pré determinação dos resultados. Importa pouco o que fazemos, a marcha é inelutável!

Mas o cronocentrismo sociológico não é só atitudinal, ele resulta de algo que é constitucional e parte da sua matriz disciplinar. Há um *imprinting* cronocentrista na disciplina e do qual ela nunca se libertou totalmente. A Sociologia constituiu-se como área autónoma de indagação durante o século XIX, num contexto marcado por uma ambição e por um desejo de criação de uma ciência universalista do social e pelo uso de um corpo analítico-conceptual que se encontrava fortemente ancorado a uma experiência histórica e culturalmente limitada. Esta contradição interna entre um putativo universalismo explicativo e uma teorização manifestamente particularista definiu o percurso e os limites do processo sociológico ao longo dos anos. De facto, a Sociologia, ao recorrer a uma

linguagem centrada na experiência histórica euro-americana das revoluções (americana, francesa, industrial ou de 1848) e criada expressamente para a tornar inteligível incorria de imediato em dois enviesamentos constitucionais: um de natureza local e outro de natureza temporal. Esses dois desvios – o etnocentrismo e o cronocentrismo - mereceram atenções diferentes e moldaram cuidados epistemológicos bem distintos. Se, desde o início da sua formação disciplinar, os sociólogos e antropólogos, reconheceram expressamente os erros que poderiam resultar de não conferir um estatuto de autonomia a membros de outras sociedades e culturas coevas e alertaram para os perigos de hierarquizações espúrias e de classificações abusivas, o mesmo não se passou no que respeita ao cotejo com sociedades passadas. Esta incapacidade de reconhecer um enviesamento temporal não pode ser desligada do ambiente de crença no progresso e na inevitabilidade da mudança. O corpo conceptual sociológico, embora reconhecidamente apoiado na experiência recente do que se convencionaria chamar o mundo ocidental, poderia ser universalizável, pela razão simples de que o projecto de modernidade que corporizava se iria assumir como futuro e destino de todas as sociedades humanas. A Sociologia poderia, pois, usar sem reboço, e sem qualquer receio de anacronismo ou desajustamento, termos como anomia, alienação, racionalização, modernização ou classe, para descrever e compreender sociedades ainda livres de uma experiência verdadeiramente modernizante. Seria apenas questão de esperar que elas entrassem autónoma ou forçadamente no vórtice do novo mundo.

É pois claro que o cronocentrismo sociológico pode ser visto parcialmente como um produto da modernização e da modernidade e de um certo optimismo progressista, ainda que frequentemente temperado por dúvidas e medos vários. Por vezes, este desposar das ideias de modernização associa-se fortemente a um desprezo ou mesmo ódio pelo passado que se estende a diversas áreas académicas, mas também à sociedade civil.

Toward the end of the nineteenth century, Hermann Bahr, a prophet of modernity, announced: 'I am modern . . . this means that I hate everything that already exists' (cited in Frisby, 2001: 188). Though a polemical example, the achievement of modernism was often associated with a trashing of the past. This view of history and temporality bears the traits of what Jean Baudrillard (1975) described as chronocentricity, an excessive elevation of the present as a special era, worthy of particular attention. For such a prejudice, the present is regarded as a threshold of epochal change, a fulcrum in the sweep

of history. This tendency shows no sign of weakening, as we recall the breathless sequence of epochal breaks identified in human geography in the past generation: postindustrialism, post-fordism, postmodernism, poststructuralism, postcolonialism, postnationalism, post-marxism. It all makes our era, 'the now of my present', an essential historic fulcrum. The same hubris was expressed by Owen Glyndwr in Henry IV: Part I who claimed that on the day of his birth 'the frame and huge foundations of the earth shook like a coward' (...)The advancement of the modern project was far from an exercise in pure reason, but was presented with an intensity that employed every weapon of communication. Rationality was fortified by a varied repertoire, including polemic and abuse. Nowhere was this more apparent than in the chronocentricity of the early modernists, whose attacks on historicism concealed a yet more hermetic historicism constructed around modernity itself (...)The chronocentricity of progressive thought shaped Le Corbusier's project, from his journal *L'esprit nouveau* to his definitive manifesto *Towards a new architecture*. The new spirit was the machine-age aesthetic, the product of the alliance of technology and commerce in the achievement of mass production. Factories, grain elevators and modern transportation were among the emblems of the new spirit (...) The chronocentricity of modernism sharply delimited superior and inferior cultural content as well as building forms, and its system of valuation was generous in the attribution of purity, truth and morality to the modern project. Giedion (1967), a student of Le Corbusier, has a section entitled 'The demand for morality in architecture' in his authoritative apologetic for the modern movement. In all of this, we see the conventional configuration of local knowledge, charged with positive meaning around the now of our present (Ley, 2003: 547, 548, 549).

Dada a prevalência das concepções ocidentais do tempo nas dinâmicas sociais contemporâneas, poderia afirmar-se, sem grande dificuldade, que o cronocentrismo é, ele próprio um etnocentrismo, ainda que as suas vítimas sejam aqui bem mais numerosas. Morson, um dos autores que mais reflectiu sobre a problemática, oferece uma das mais claras e sólidas argumentações em torno dos perigos do cronocentrismo, sublinhando o quão fácil é encontrar quem reconheça o etnocentrismo e seus riscos, ao mesmo tempo que é extremamente difícil descobrir quem identifique os mesmos problemas estruturais ao nível do tempo. A obsessão contemporânea com o julgamento dos mestres do passado (não tão merecedores de elogio como outrora se pensava) não para na denúncia e alarga-se, não raras vezes, a uma excomunhão laica que pode resultar de pensamentos e palavras, mas também de actos e omissões. Morson afiança que:

Current criticism likes to denounce ethnocentrism but it is typically guilty of what might be called chronocentrism. The values of all other times are deemed faulty, but we are at last in position to judge authoritatively the prejudices of the past. For what else could authorize the tone of certainty we detect when great writers of the past are summoned before the stern tribunal of associate professors? From a Bakhtinian perspective, such a stance is revealed as essentially apocalyptic in nature, for it implicitly presumes that no future could outdate present judgments. Shakespeare and Dostoevsky saw as through a glass darkly, but we see face to face. Bakhtin was quite familiar with the Soviet version of this approach, as encoded in socialist realism (Morson, 1991: 1086).

Já Bernstein, numa apreciação ao contributo de Morson, assinala que:

Morson's term "chronocentrism" ("the inability to recognize and respect the autonomy of past historical periods") is a striking normalization, akin in its aim to what E. P. Thompson memorably described as "the enormous condescension of posterity," and it is worth stressing how intimately the theoretically grounded rejection of chronocentrism is linked to an ethical insistence on the incommensurable value of each human life and contingent moments of lived experience, not for their place in an already determined larger pattern, but as significant in their own right (Bernstein, 1998: 689-690).

Nestes termos, existe um duplo problema com a posição cronocêntrica. Por um lado, ela expressa-se numa soberba intelectual, já assinalada, pela qual o seu praticante considera que se vive numa época especial e única, devendo-se olhar de uma forma paternalista e condescendente para o passado imperfeito, contaminado, impuro ou mesmo ridículo; por outro, ela demonstra uma incapacidade de visão do passado como autónomo e não estritamente dependente do presente. O anacronismo que o cronocentrismo expressa resulta simultaneamente de uma imposição de categorias coevas a períodos pautados por regras, valores e predisposições que lhe são manifestamente estranhas e por uma inversão de causalidade – o “presente” causa e determina o “passado”. No limite, a História e os seus revisionismos contemporâneos, demonstram amiúde estes traços, sendo significativo notar que cada novo trabalho ou interpretação histórica tem o condão de ser mais uma forma de revelação dos valores presentes do que uma fria análise do que aconteceu há cem ou duzentos anos. A História torna-se num processo expositivo ou revelatório da comunidade de historiadores que a produziu e não um repositório analisável do que de facto aconteceu. Não é só o evento que se esquece, é também o contexto ou a situação que se tornam irrelevantes, permanecendo apenas um pretexto para falarmos de nós, das

nossas angústias e medos e dos perigos que perspectivamos na nossa sociedade. O problema do cronocentrismo é, assim, não só um erro epistémico e até técnico, mas também ético, no sentido em que recusa conferir um estatuto de autonomia moral às personagens do passado.

É neste terreno que a afirmação de Delanty se mostra essencial e reveladora, podendo mesmo ser uma tentativa prática de desenvolver uma metodologia capaz de evitar o cronocentrismo.

Without a critical perspective and the inclusion of the political heritage, which cannot be separated from the cultural heritage, the question of how the past should be evaluated becomes too easily seen in terms of collective identities resulting in “chronocentrism,” with the present constructing the past, with history dissolving into memories and an all-pervasive presentism: the monument is simply replaced by the memorial. Heritage has an unavoidable evaluative dimension in that it is about how the past should be recalled by the present. This is to take up a normative stance on the past and to admit the possibility that the present can learn from the past. It is also to go beyond the notion of cultural heritage as normally understood to include other aspects of the legacy of history, which might not always come under the rubric of heritage in the sense of the patrimonial, which tends to suggest a notion of heritage as inheritance (Delanty, 2017: 132).

Morson (1994, 1995), ainda que no âmbito da crítica literária com ênfase em autores realistas russos, define a sua própria versão de cronocentrismo sociológico como uma poderosa doutrina que, embora não sólida nem escrutinada e difícil de sustentar, afirma que o actual deve ser de alguma forma superior ao que já ocorreu, seja esse ocorrido definido por ideias, autores ou teorias, ou seja, o cronocentrismo exhibe os mesmos traços de prosápia e de sentido de superioridade moral que caracterizam o etnocentrismo. Aqueles que defendem, de algum modo, esse passado desacreditado são eles próprios reflexos bafientos do mesmo (Morson, 1994: 278–82). Avaliando as doenças intelectuais da intelligentsia, Morson considera que o cronocentrismo, elemento importante de uma argumentação tendencialmente utópica, se torna dominante em grupos que se consideram dotados de um conhecimento ou de uma iluminação superior à dos seus antecessores. Morson refere ainda que o cronocentrismo, como o etnocentrismo, é uma forma de conferir autoridade aos preconceitos do presente. Morson vai mesmo mais longe e

considera que este enviesamento também descamba para um centrismo tipicamente profissional.

Chronocentrism and backshadowing come most readily to groups that imagine they possess wisdom inaccessible to their contemporaries and superior to that of their own predecessors. People sometimes speak or act as if they believe that they have special insight by virtue of belonging to a group favored by history and by virtue of living in the present moment (Morson, 1995: 52).

De forma notável, a adopção de posturas de relativismo ético e epistemológico tem o estranho condão de adensar o sentido de superioridade que caracteriza o cronocentrismo. Há um dogmatismo de negação que caracteriza esta postura que mistura relativismo com cronocentrismo. No limite, o que importa é manter o poder da guilda a que se pertence.

Moralistic or politically inspired schools that habitually judge the cultural heritage of the past according to contemporary standards are especially prone to chronocentrism. Only a teleological or Whiggish (in Herbert Butterfield's sense) view of history can offer automatic guarantees of superior wisdom to successive generations of ordinary intellectuals. Without that guarantee, there is something vaguely humorous in academics, and their students, condemning or acquitting Shakespeare and Milton according to the latest orthodoxies of the academy: did they support or undermine hegemony, foster progress (in our terms) or abet reaction? (...) Chronocentrists who examine the past are often surprised to find that those who were, in our terms, oppressed, did not view themselves that way. Instead of resorting to concepts like blindness or false consciousness to explain their failure to recognize themselves as victims--instead of depriving them of voice by speaking for their "true" interests--let us allow them to speak as equals from whom we have something to learn. When, after considering what they might say, we invoke our present values, we may do so as part of a dialogue with no presumed winner. (Morson, 1995: 56, 57).

A este nível revela-se até que ponto a crítica ao etnocentrismo tende a não se libertar do cronocentrismo. Trata-se da mirada antropológica que dá voz aos coevos, mas não consegue dar voz aos antepassados.¹⁷ Se os contemporâneos explorados que revelam a

¹⁷ Dar voz ao outro nem sempre é fácil e é facto que nos podemos deixar enganar por aqueles que nos querem agradar ou surpreender. Essa é uma postura cautelosa que evita cair em armadilhas. No entanto, é pouco crível que um habitante medieval se tenha dado ao trabalho de compor um registo, de forma a evitar o julgamento dos vindouros. Não porque não o pudesse e desejasse fazer, mas porque é pouco provável que conseguisse imaginar quais seriam os valores usados nesses tempos futuros para julgar a sua conduta e a dos seus familiares, amigos e conterrâneos. Como afirma (McGlynn, 2015: 733).

exploração podem ser ouvidos, o mesmo não se passa com os do passado que não o reconheciam. A mistificação antropológica teima em não conceder voz ao outro, sempre que este se afasta da leitura da ortodoxia acadêmica. Morson refere até que ponto seria proveitoso considerar os ataques do passado ao presente, em nome dos valores da época. A inversão histórica de perspectivas teria pelo menos o condão de impor algum grau de humildade ou de destruição da soberba intelectual contemporânea. Julgar os outros nos nossos termos deveria ser cruzado com o julgar dos nossos nos termos deles. Estamos habituados a ser juízes do passado, mas raramente aceitamos imaginar os seus juízos sobre o presente. Poder-se-ia mais longe e afirmar até que ponto alguma ciência social contemporânea aceita condenar práticas passadas (que transportam pouca carga de contestação) e recusa a condenação das mesmas práticas em sociedades contemporâneas.¹⁸ Mais do que uma larga hipocrisia teórica, trata-se obviamente de defender uma agenda política precisa. Não somos mais do que uma consequência possível e materializada de múltiplas possibilidades abertas no passado. Alguma forma de exercício ucrónico¹⁹ possibilita introduzir um largo relativismo temporal na avaliação do passado e do presente ou, tal como Morson afiança, um qualquer futuro também nos avaliará. O diálogo, a liberdade e a ausência de uma palavra final sobre a história são elementos a considerar no combate ao cronocentrismo e, diria eu, à sua associação radical a uma retórica progressista extremada.

In addition to foreshadowing and sideshadowing, there is a third "shadow of time," (...) Backshadowing (Bernstein's neologism) is foreshadowing after the fact: the past is treated as if it had inevitably to lead to the present we know and as if signs of our present should have been visible to our predecessors. Our own time becomes the privileged moment for

The trouble with such explosive revisionist thrusts is that they often go too far, with insufficient thought given to applying brakes at tight corners. Certainly, this reassessment has divided the community of Cathar scholars – perhaps unnecessarily so – as it too comfortably fits into the frustrating new trend of ultrascepticism over the veracity of medieval sources, in yet another manifestation of chronocentric superiority.

¹⁸ As correntes expressões pós-coloniais tendem a operar uma substituição do etnocentrismo pelo cronocentrismo, numa marcha que é equivalente ao que se passa na generalidade das ciências sociais. A excepcionalidade do tempo presente é manifesta. A norma implícita é a dos “strange and challenging times we’re living in”.

¹⁹ Morson não usa expressamente o termo ucrónico, antes desenvolvendo o conceito de Sideshadowing, definido por uma abertura a múltiplas possibilidades. Sideshadowing de um evento significaria a possibilidade alternativa que poderia ter ocorrido, ou seja, uma bifurcação temporal compatível com a já apresentada ideia de ucrónia.

judging earlier events, and the values of the present are endowed with unique, and unearned, significance. Backshadowing derives from chronocentrism, from the natural egotism attendant on taking one's own time as special (Morson, 1994: 13).

O julgamento do passado define-se como um direito adicional dos contemporâneos, onde os actores de outros tempos são vistos como tendo a possibilidade real de imaginarem quais os valores justos de uma sociedade futura, transportando-os para a sua própria época. Caberá perguntar se os juízes de hoje têm a noção de que poderão ser alvo dos mesmos processos num futuro próximo. Na mesma linha, Herzfeld (1987: 97-98) define o cronocentrismo como a versão historicista do etnocentrismo, salientando a sua dimensão estereotípica e aplanadora da diversidade cultural e social. Mais ainda, e socorrendo-se das contribuições antropológicas de Bourdieu, assinala a presença, nas projecções cronocêntricas, de um fatalismo insidioso.

In a fascinating recent debate, Frake (1985) and Gell (1985) have demonstrated that chronocentrism has damaged modern understanding of medieval navigational science as fully as ethnocentrism has dismissed that of non-western peoples. One could say much the same, and with necessarily heavier irony, about the various "authoritative" histories of anthropology. This romantic elision of the time gap between Classical Greek and eighteenth-century thought had two effects, the one dependent on the other. First, it forged a relation of similarity between the contemporary exotics studied by anthropologists and the anthropologists' own exotic ancestors, by dismissing the scientific acuity of both. Second, by relegating the medieval and Renaissance periods to a sort of primitive intellectual age, it sealed off critical historical access to the symbolic underpinnings of scientism in modern anthropology. This is what Vico intended by the return to conceptual barbarism: as soon as scientific thought loses sight of its historical contingency, it ceases to be scientific (Herzfeld, 1987: 84).

Esta é uma passagem de enorme clarividência, não só por estabelecer os paralelos entre etnocentrismo e cronocentrismo que havíamos identificado no início desta secção, mas por revelar os perigos de uma análise científica baseada na sedução pelo exótico, forma reveladora de um fascínio que facilmente tomba ora numa discussão acrítica e celebratória de um passado que não importa saber se ocorreu ou se mitificou, ora num ódio e repulsa por um passado que parece encerrar todos os males. O cronocentrismo analisa a transformação histórica como antecipando ou preparando o tempo actual, apagando todas as rugosidades das épocas intersticiais que parecem ser ou inversões de

uma marcha ou soluços evolutivos e aplanando os escolhos encontrados ou as dúvidas que se manifestaram. O passado importa meramente pelo que anuncia no presente.

Fotiadis, seguindo o já citado Herzfeld, estende a análise dos problemas do cronocentrismo à arqueologia e nota que este conceito se encontra solidamente incrustado nas nossas habituais reivindicações sobre o passado.

If residues from the past can in the end resist theoretical appropriation or anything at all, what they resist best is our attempts to reduce, once and for all, their rich materiality to our chronocentric notions, and to legislate their "Otherness" without committing contradictions. (Fotiadis, 1994: 551).

A tendência para aplicar dualismos contrastantes contemporâneos à análise de sociedades passadas é um dos sinais visíveis do cronocentrismo militante. O empobrecimento analítico que daqui resulta é evidente – as sociedades passadas são julgadas pela sua distância e imperfeição, pelos seus desvarios e erros e raramente se lhes concede uma lógica ou um sentido próprio, não redutível às categorias e valores do nosso quotidiano. Numa leitura cronocêntrica considera-se que os actores do passado deveriam saber ou conhecer não só os valores do nosso presente como orientar-se por eles, dada a evidência da sua vantagem. Por outro lado, é uma visão que confere aos actores presentes as capacidades e os meios para um julgamento sumário dessas patibulares figuras que se entretiveram a explorar, humilhar e ofender. É nesta linha que Hayot (2011) refere os dilemas e problemas que o cronocentrismo pode trazer à periodização histórica e que Jeffrey Russell (1991) sublinha a proximidade entre os dois enviesamentos, chamando mesmo ao cronocentrismo a mais teimosa das variedades de etnocentrismo que se manifesta hoje de uma forma subtil, mas penetrante e se expressa numa mania de superioridade temporal e de progressividade sem paralelo.

Muitas das experiências cronocêntricas vivem e prosperam com base numa superioridade tecnológica e científica que marca uma evolução, a partir de pensamentos míticos e não duais. Na versão cronocêntrica, o futuro é apenas o corolário das forças a concretizar. Mesmo as discronias mais radicais nada mais fazem do que ampliar efeitos do presente. Se o etnocentrismo conduziu ao imperialismo, quais serão as consequências de uma postura cronocêntrica? Uma tentativa de dominar e moldar o futuro (como pensa Fowles)

ou algo de completamente diverso, tal como crenças pueris na capacidade de influenciar totalmente o curso da história ou visões tecnocráticas de como reformar as sociedades? Acumulam-se decisões que criam compromissos tecnológicos, sociais e culturais que comprometerão a vida dos que ainda não nasceram, em nome da necessidade de planejar em avanço e nada deixar ao acaso – transportes, cidades, forças armadas. Conhecimento, recursos, tecnologias unem-se para definir um programa para o futuro totalmente ancorado no presente e que representa uma necessidade de colonizar o futuro e planificá-lo através de uma terraplanagem de tudo o que poderá vir a acontecer. Os missionários etnocêntricos e os futuristas cronocêntricos (Fowles, 1974: 67) acabam por se assemelhar. O planeamento do futuro radica nos mesmos grandes planos e projectos de lidar com os outros, usando o irredutível e sapiente argumento de que “é para bem deles”. Num caso e noutra coexiste a soberba de sabermos não só o que desejamos para nós, mas sobretudo de não termos dúvidas sobre o que os outros devem querer ou ambicionar.

Se o etnocentrismo conduz à construção da diferença como exotismo, o cronocentrismo auxilia a consideração do outro no tempo como curiosidade.²⁰ Encontrar alguma evidência de progresso tecnológico em épocas definidas pelo seu putativo atraso, só pode ser explicado por um acidente ou por um uso não consciente. Sem querermos exagerar o tom, trata-se de um argumento largamente coincidente com as teorias ufológicas que elevam essa impossibilidade de desenvolvimento ou de uso consciente à prova da presença de extra-terrestres, ou dos chamados deuses astronautas.

Sintetizando, a hierarquização de culturas tornou-se um tópico desagradável, mas o mesmo não acontece com comparações intertemporais que escapam facilmente a qualquer moralização. Por outro lado, existe um *slippery slope* na comparação de culturas – uma vez hierarquizadas, pode-se passar para a desconsideração da inferior e, se ela estiver associada a um grupo étnico, à desvalorização desse grupo. Numa fase avançada, o inferior pode ser visto como contaminante e como potencialmente perigoso, avançando-se para processos de ostracização, separação ou, no limite, extinção deliberada. No caso de sociedades do passado, raramente se passa da ofensa, da minorização ou do

²⁰ Se o exotismo surge associado a uma deriva etnocêntrica na análise do outro, o arcaico e o *démodé* surgem como sinais dos desvios cronocêntricos. Há uma *hubris* cronológica que tem sido invasiva das disciplinas do mundo social.

esquecimento.²¹ Tal como Lévi-Strauss (1987), que propunha um descentramento de perspectivas como forma de modéstia na descoberta ou análise da alteridade, também a nível temporal necessitamos de mecanismos teóricos e metodológicos que afastem o enviesamento cronocêntrico. Sendo parte importante do nosso conhecimento grupocêntrico, espaço-cêntrico e cronocêntrico, mais se faz sentir esta necessidade de modéstia que nos leve a acreditar que não somos assim tão especiais e que o nosso tempo não é assim tão único.

Neofilia, Fetichismo da Mudança e Reverência pelo Presente

Se a expressão do cronocentrismo histórico se orienta para um revisionismo constante, a nível sociológico ele assume frequentemente uma expressão neofílica. Na sequência das definições de cronocentrismo avançadas por Morson, Baehr (2013: 109), com base numa apreciação à contribuição de Aron para a sociologia e numa profunda reflexão sobre o que a memória sociológica preservará como contributo, salienta que o cronocentrismo sociológico se expressa numa forte ligação científica e moral ao novo e opera uma redução do tradicional a algo de decrépito ou defunto. Como vimos, Bernstein e Morson reflectem uma posição de defesa de compreensão intertemporal que é claramente adversária de qualquer leitura cronocentrista, equivalente a uma séria patologia de uso do tempo. Este é aliás o entendimento de Pavel (1998: 588) que vê na definição de Morson uma crítica ao desrespeito e à ausência de reconhecimento da autonomia do passado que se encontra patente em bastas críticas literárias e onde o passado é visto como imperfeito ou mero esforço embrionário de um futuro mais evoluído. O cronocentrismo, deste tipo, possui uma concepção de justa sorte para avaliar os derrotados do passado e, mais do que

²¹ O cronocentrismo pode, aliás, camuflar ou esconder valores importantes que permitem precisar esquecimentos, explicar ausências ou inventar tradições.

A similarly broad scope is found in Mia Åkerfelt's study of the relative absence of Swedish, pre-1808, era architecture in Finnish art historical research. Her material is almost 50 dissertations from Finnish universities on architectural history from the late nineteenth century until the present. Nine of them are on the Swedish period. It might of course reflect a certain "chronocentrism", especially in the late twentieth century boom of architectural history research. Åkerfelt's conclusion, however, is that art and art history became an "important tool for spreading national values". What has, in another context, been called "constructing a [national] legend" took over. As a result architecture in what was once the Finnish part of Sweden might fall between chairs (Claes e Johansson, 2016: 3)

um manifesto anacronismo, eleva o presente a categoria moral com a qual o passado se coteja sempre numa posição de inferioridade.²²

Mas não é só o desrespeito pela autonomia do passado que torna o cronocentrismo histórico problemático, é também a falta de rigor, a ausência de precisão e um desprezo das evidências.

History is powerful because we live with its residues, its remnants, its remainders and reminders. Moreover, by studying societies unlike our own, we counteract the chronocentrism that blinkers contemporary vision. That's why we cannot abandon intellectual rigor or devalue accuracy. History has an irreducible positivistic element, for its subject is real, even if that reality is evanescent and dependent upon texts. Historical writing creates objects for our thoughts, making audible what had become inaudible, extracting latent information from the objects that men and women have constructed. This materiality of historical evidence does restrain us. Imagine a willful forgetting of the Holocaust had the Nazis won World War II. Eventually, someone would have picked up the trail of clues or stumbled over the contradictions in the documents created by the victors. Texts would then replace texts, but the impetus for the change would have come from the past itself, just as scholars reconstructing the succession of post-Columbian demographic disasters had lots of evidence to go on, once their curiosity had turned in that direction. The concreteness of history is what gives it the power to compel attention, to stretch imaginations, and to change minds (Appleby, 1998: 12).

O cronocentrismo pode minar de uma forma decisiva a apreciação objectiva de teorias e contributos de autores passados em qualquer área das ciências sociais. Na ciência económica tal é também manifesto e implica uma desconsideração dos contributos que não são vistos como tendo relevância para a formação da disciplina actual.

Thus, with our bias toward analytical originality and with the hindsight of 250 years of scientific development, we would give Berch and his fellow cameralists a fairly poor ranking in the Economics Hall of Fame (Christiernin, on the other hand, would score considerably higher). That would not be quite fair to them, however. Even if we accept the "chronocentric" view that the only good economic doctrines of long ago are those

²² Gilmore (1996: 55) apresenta o cronocentrismo como sistema de coordenadas avaliativas, onde o anterior é equivalente a inferior.

In evolutionary studies, anthropologists also use a topographical metaphor to order levels of social complexity, technological advancement, or chronological sequences. Hence "earlier" and "lower" become identified as coaxial along the temporal dimension in what Johannes Fabian (1983) has called chronocentrism.

which point directly to the doctrine of our own time, we should remember that the dull and sometimes unsystematic work of the mercantilist writers surveyed the economic landscape and thus prepared the ground for the work of later system-builders (Liedman e Persson, 1992: S268).

Na academia, a neofilia pode assumir contornos muito claros e o seu cronocentrismo tornado evidente. Rock (2005) revela esta dimensão do cronocentrismo contemporâneo, ao afirmar a existência de uma clara tendência nos textos de criminologia para ignorar artigos que tenham mais de 10 ou 15 anos.²³ Trata-se de uma tendência que cremos ser comum à maioria das ciências sociais. Se durante largos períodos da história sociológica se idolatrou reverencialmente uma série de autores do passado, hoje estaremos perante uma fase de desconsideração dos clássicos por razões que se prendem com uma avaliação dos seus enviesamentos e incapacidades. No sentido dado por Rock, o cronocentrismo eleva a produção intelectual presente a um nível que nunca foi alcançado no passado – ela é, literalmente, mais, maior e melhor.²⁴ Este autor retoma os argumentos sorokinianos sobre a amnésia sociológica e sobre um certo complexo ou mania da descoberta ou o desejo de cunhar novos termos, conceitos e ideias. Muitos sociólogos comportam-se como marinheiros que ao redescobrirem velhas ilhas não aceitam que a sua passagem fique condenada ao desconhecimento histórico e optam por renomá-las ou teimar que são outras. Em épocas de descoberta limitada acabar-se-á ou por tentar afirmar que a repetição é de facto uma diferença ou que o local não é realmente o mesmo. Os anões às costas de gigantes tornam-se anões a tentar provar que os gigantes eram de facto anões. Seja um caso de amnésia ou de esquecimento voluntário, permanecem os efeitos desta tendência ao nível da formação de memórias nas ciências sociais.

Collective and individual memory in the social sciences tends to be short, and works published in the recent past tend to be more cited than older works, because they are recent, not because they are superior. This ‘chronocentrism’ (Rock, 2005) means that an article that takes as its focus a book published in 1980 may require some justification.

²³ Esta é uma hipótese que conviria explorar através do desenvolvimento de uma investigação que a testasse ao nível das publicações sociológicas. Tal como referimos na introdução, esse não foi o nosso objectivo neste texto.

²⁴ No mesmo sentido, Ranasinghe (2011: 64) afirma que

There is a related aspect that contributes to this problem as well: an unfounded belief that the intellectual writings and knowledge produced today is somehow better than what was produced in the past, or somehow better suited to explaining contemporary life (Ranasinghe, 2011: 64).

The claim is that while aspects of the book are inevitably dated, and some of its empirical material looks crude or insubstantial, its central ideas remain of interest, because of the influence they had on what are usually seen as the main developments in juvenile justice in England and Wales during the 1980s (Smith, 2010: 119-120).

A mania da cunhagem de falsa moeda caracteriza alguma sociologia contemporânea que repete em novas roupagens e termos o que já foi dito e redito. Em muitos casos, o apagamento das gerações anteriores e o seu esquecimento faz-se por razões de glória e desejos de descoberta, noutras casos porque se quer fazer justiça a uma geração ainda mais antiga que supostamente foi ostracizada e vilipendiada por múltiplas razões ideológicas. Noutras casos, trata-se de tentar construir um panteão alternativo que possa passar uma mensagem de justiça e de reposição da verdade, leia-se substituição de uma verdade relativa por outra que não o é menos.²⁵ Importa pouco, neste debate, qualquer consideração sobre os méritos científicos ou sobre uma eventual aproximação à verdade, antes sendo de considerar uma série de actos de justiça trans-histórica à luz dos valores presentes.²⁶ Neste sentido limitado, o cronocentrismo pauta-se por arranques permanentes uma vez que dar continuidade aos esforços passados implicaria uma aceitação dos valores de contextualização que norteavam essa época. Como é entendível, as gerações que nos sucederão se, orientadas pelos mesmos princípios cronocêntricos, encarregar-se-ão da mesma operação de obnubilação e alegremente começarão de novo os esforços teóricos. No limite, um observador alienígena dotado de algum sentido de humor não deixará de notar a estranha característica que envolve a tribo sociológica (os mais insociáveis de todos os humanos, como lhes chamou Tarde, 1904) na apresentação de ideias

²⁵ O cronocentrismo tende a ser maior em matérias e temas contenciosos e de gritante polémica nas sociedades contemporâneas. Quanto mais nos aproximamos de debates extremados mais se sente a presença de um registo cronocêntrico que desenha o passado como paradigma do horror e da vitimização. Daí a necessidade permanente de recuperar os traços e vivências dos injustamente apagados e esquecidos, investindo na transformação dos seus contributos à época marginais em agendas profícuas, preâmbulos aos novos tempos, *trailblazers* de outros mundos e territórios, antecipadores de linhas iluminantes, campeões da justiça e outros epítetos grandiloquentes.

²⁶ No que diz respeito às implicações nos debates sobre verdade ou mesmo sobre pós-verdade ver por exemplo (Baia, 2012). O cronocentrismo cria uma zona de civilização e uma zona de selvajaria que se define por um tempo e não por um espaço. O cronocentrismo gera um clima de suspeição larvar e contaminante. Tudo se torna suspeito e as possibilidades de conspirações abundam. Não é em vão que o tópico cronocentrista se pode associar largamente à suposta emergência de uma sociedade orientada ou definida pela pós-verdade que, em múltiplos casos, não é mais do que uma versão parodiada de perspectivas cronocêntricas e pós-modernas.

constantemente semelhantes, mas dotadas de designações curiosamente diferentes. O cronocentrismo é uma miopia cultivada onde, para provar a acuidade visual, se procura o objecto no sítio onde previamente o colocámos e onde encontramos aquilo que fomos à procura, ainda que não encontrando tudo aquilo com que nos cruzámos, ou seja, o cronocentrismo constitui uma espécie de anti-serendipismo e uma forma radical de destruir a imaginação sociológica.

A amnésia do mais remoto exprime-se numa gravitação em torno do recente quer pela facilidade de acesso quer pela etiqueta e reverencialismo, quer ainda pela presunção da citação particular como forma de garantir a publicação, num misto de socialização à distância e de antecipação dos efeitos da ordem e do controlo social em meios académicos.²⁷ O cronocentrismo desemboca num perfil neofílico e numa condenação do passado. Cremos que a recusa do passado não elimina necessariamente os fundadores, mas tem um impacto maior na geração que nos precedeu. A necessidade de marcar distâncias e romper com pressupostos escolásticos conduz à destruição prévia da ligação com aqueles com quem alguns de nós ainda convivemos. A construção do plágio como monstruosidade implica também que se construam quadros de referências com mais e mais autores e mais recentes, onde a actualidade e o referencialismo se tornam a regra. De uma legitimação pelo passado passamos a uma legitimação pelo presente, presente esse reforçado pela regra de ouro do *publish or perish* que adensa de forma clara este efeito de cronocentrismo na sociologia académica.

O mito da “actualidade” resulta da sua reconstrução como pertinência ou acuidade. Nestes casos, o cronocentrismo académico culmina num recentismo de referências e num clima

²⁷ Os preconceitos cronocentristas e modistas acabam por influenciar a socialização das jovens gerações (cf. Dencik, 1998: 22)

Within this perspective of a dynamic modernisation process it is questionable whether children should be educated at all if the aim of this education is to facilitate their integration into existing society. As the children of today grow and develop, they will confront quite different life conditions (material, social and cultural) from those of their parents and educators. Today's children inevitably will live in the future and have to cope with life challenges that are as yet unknown to their parents or educators. Therefore, in order to master their own lives, children will need to develop social and other competencies that have not been required or used in the same way before. Therefore, to be socialised into 'existing society' - in a period of such rapid transformation - may not be in the best interests of the child. This, however, often does not appear to have been perceived by educators or scholars in the field of early childhood. On the contrary, children today, perhaps more than ever before, run the risk of becoming victims of what I would call the chronocentric prejudices of adult society.

de suspeição relativamente a textos antigos, mesmo ao nível da certificação de cursos e programas. As ideias de eficiência, produtividade e actualidade exercem uma pressão que reforça o cronocentrismo. Dick Hobbs (cit in Rock, 2005: 484) fala mesmo, a este respeito, de uma sociologia Karaoke. Há também uma moda relativamente ao presentismo das citações que parece tornar inteligível o porquê de a vida e a taxa de sobrevivência das teorias sociais, excepto o marxismo, ser cada vez menor. E mesmo relativamente ao marxismo ter-se-ia de falar de versões do mesmo e não dos textos do próprio autor.²⁸

A sociologia não é, pois, uma ciência cumulativa e tem uma tendência notável para a repetição do que não precisa ser repetido.²⁹ Paralelamente, exhibe uma tendência para a amnésia (ou ignorância) relativamente ao que já foi feito ou para reportar o recente como uma descoberta diferente. A transformação da repetição em novidade ou a conversão do banal em posicionamento de descoberta é o que caracteriza a alquimia da sociologia contemporânea, processo que gera efeitos de imediatismo e uma concentração em memórias de curto-prazo.

Historicamente, o cronocentrismo foi claramente identificado e assinalado por, entre outros, Montaigne que, nos seus *Essais*, avança um contra-discurso que é uma verdadeira crítica da novidade pela novidade que, segundo ele, caracterizava a França do seu tempo. A neofilia cronocentrista assoma em épocas particulares e não é um traço que caracterize apenas as sociedades de hoje.

The violent prejudice of custom usually takes the form of ethnocentrism, but it can also assume a temporal form that we can call, by analogy, chronocentrism, or bias in favor of the present. Against the commonplace lament that we always praise the past and blame the present, Montaigne advances the antilogos, or counterspeech, that we privilege the present at the expense of our own judgment. It is at least ostensibly as a form of therapy

²⁸ O cronocentrismo também vive de uma generalização sem critério de teses construcionistas. As teorias tardianas são bons exemplos para explicar quer o mimetismo académico quer a presença cronocentrista, essa ortodoxia do tempo. As citações constroem marcas de competência, gostos, integração em comunidades e sentimentos de se estar actualizado (Rock, 2005: 486).

²⁹ Múltiplas novidades conceptuais correspondem a nada mais do que conceitos antigos com novas designações e roupagens. Em casos limite e como é salientado por Herbert Gans (1992), seguindo intuições de Merton e Sorokin, trata-se mesmo de casos de amnésia radical, como é o caso da resubmissão de artigos já publicados.

for the faculty of judgment that Montaigne offers his critique of novelty and of the self-complacency of the present. Montaigne begins his essay on ancient customs, "Des coutumes anciennes" (I, 49), by expressing his impatience with the French, "nostre peuple," who disapprove of everything that does not conform to their own way of doing things. This recalls the familiar theme of ethnocentrism from the more famous essay "Des cannibales," but here Montaigne adds a temporal dimension to the question of self-centered judgment. He remarks that his contemporaries disdain the Ancients because they are not dressed like the Moderns: "Je suis content, quand il verra Fabritius ou Laehus, qu'il leur trouve la contenance et le port barbare, puis qu'ils ne sont ny vestus ny façonnez à nostre mode" (296). In this way, the people allow themselves to be blinded by the authority of present usage or, as he says, "de se laisser si fort piper et aveugler à l'autorité de l'usage present" (296). What makes this type of bias particularly irrational is the unstable and ephemeral status of the present. Fashions come and go and return in such quick succession that the tyranny of the present condemns our judgment to instant supersession and constant obsolescence. Taking the example of clothing styles, he declares: "Parce que nostre changement est si subit et si prompt en cela, que l'invention de tous les tailleurs du monde ne scauroit fournir assez de nouveleitez, il est force que bien souvent les formes mesprisées reviennent en credit, et celles là mesmes tombent en mespris tantost après" (297). In this context of the vicissitude of fashion, where new and old are constantly changing places, to praise the new is to praise an illusion (MacPhail, 2010: 649-650).

A neofilia torna-se mais poderosa sempre que se usa um filtro ideológico. Na verdade, impomos facilmente uma forte taxa de desconto a ideias do passado que diferem das nossas, mas elegemos outras como precursoras, decisivas e fundamentais, mesmo que tenham sido marginais na sua própria época ou que partilhem apenas uma designação em comum com as nossas crenças e preferências.

O cronocentrismo parece estar paradoxalmente associado a um mal-estar civilizacional ou a uma crise da modernidade ou da ocidentalidade. O cronocentrismo extingue o passado e exila o futuro, adensando-se à medida que o passado se distancia, sabendo que esta distância não é marcada pelo número de anos decorridos, mas pela sensação subjectiva de afastamento que cada era ou experiência passada manifesta relativamente aos observadores. Existem épocas distantes com as quais parecemos comungar de alguma proximidade, enquanto épocas recentes podem manifestar um afastamento quase total. A forma como reconstruímos miticamente a Antiguidade Clássica greco-latina e a

anunciamos como precursora da racionalidade presente ou mesmo de modelos políticos choca com a forma como olhamos para um mundo feudal que, embora historicamente mais próximo, se vê caracterizado por tudo o que há de mais negativo e rejeitável. Em qualquer dos casos, a visão dominante é filha dilecta de trabalhos historiográficos claramente revisionistas que foram apresentando caricaturalmente as sociedades a usar como paradigmas positivos e negativos. Já no que respeita a outros domínios, impera a lógica do recentismo ou o primado do contemporâneo.³⁰

Na postura cronocentrista convivem enviesamentos bem conhecidos e largamente comentados, nomeadamente a falácia do historiador que se norteia pela ideia de os agentes do passado possuírem a mesma informação e analisarem os problemas com os quais se defrontam da mesma forma que os analistas de hoje. A um outro nível, o cronocentrismo reflecte boas doses de presentismo, ou seja, de uso retrospectivo e anacrónico de categorias, conceitos e ideologias contemporâneas para análise de factos e instituições do passado. Em terceiro lugar, o cronocentrismo revela uma retórica dominada pelo *argumentum ad novitatem*, ou seja, onde a superioridade, certeza e correcção de uma construção derivam simplesmente de ela ser nova, moderna ou contemporânea e, concomitantemente, a desvantagem, inferioridade ou erro de um argumento resultam da sua antiguidade. No *argumentum ad novitatem* encontramos a presença típica das dimensões de caracterização hiperbólica da realidade corrente, de acordo com juízos ou avaliações morais. Estes enviesamentos e falácias encontram-se generalizados nas ciências sociais contemporâneas.

O cronocentrismo está bem patente naquilo a que Grey (2003) chama o fetiche³¹ da mudança. Neste texto, Grey assume uma postura de cepticismo radical no que concerne às leituras sobre a mudança, sobretudo a nível organizacional. O cronocentrismo tende a associar-se a teses de aceleracionismo (cf. Rosa, 2013; Rosa e Scheuerman, 2009) – “nunca o mundo evoluiu a um ritmo tão rápido”; “vivemos vidas de *stress* e de *burnout*

³⁰ Embora tipicamente associado a uma revisão do passado – tido como instrumento ou variável de construção do presente –, o cronocentrismo também pode associar-se a uma visão orientada para o futuro, enquanto projecção ou amplificação do presente. Em última análise, poder-se-ia afirmar que o futurismo e o passadismo seriam tão cronocêntricos como o presentismo, mas há que reconhecer que os primeiros não têm nem a dominância do último nem geram o mesmo tipo de problemas ou de enviesamentos.

³¹ Bursik (2009: 6) refere esta fetichização de um novo ou de uma novidade que, a nosso ver, corresponde ao triunfo de retóricas de mudança e apelos constantes à inovação.

porque a taxa de mudança é inaudita”,³² “o sexismo e a violência doméstica nunca foram tão significativos”; “os níveis de educação e literacia são incomparáveis”; “temos a força de trabalho mais qualificada da história”; “os problemas ambientais matam mais do que nunca”; “somos a sociedade mais informada de sempre”; “a vida actual pauta-se pelo risco e pela incerteza”; “esta é uma sociedade de distração constante”; “vivemos numa época de lazer, mas onde nunca houve tantos cansados e fatigados”. Assiste-se a uma espécie de consenso em torno da necessidade ou urgência de mudança e qualquer defesa do contrário implica uma rotulagem de conservador, tradicionalista, resistente à mudança ou reaccionário (conforme o contexto ou o terreno onde a mudança ocorre ou ocorrerá).

Grey defende um cepticismo (crítico) radical relativamente à tradição do estudo da mudança. Provar a presença da mudança é seguida pelo provar que há que lidar com ela, o que abre as portas a uma linha argumentativa que implica que qualquer resistência é fútil e que a natureza das “novas novidades” obriga a lidar adaptativamente com a nova situação. A mudança é uma causa evolutiva e resistir é ser condenado à morte. A situação apresenta-se como uma ausência quase completa de alternativas. Há uma construção de consensos sobre a mudança, a sua dominância e a defesa de uma lógica cronocêntrica. Grey vê a questão nas organizações, mas podemos prolongar a análise a todas as áreas do social onde triunfa o insidioso fetiche da mudança. O fetiche da mudança conduz-nos a uma definição de que a época actual se caracteriza por mudanças sem precedentes (o que implicaria cortes, revoluções e escalas de extensão e profundidade nunca vistas). As mudanças podem ser conduzidas e controladas e derivam de grandes elementos causais (as tecnologias e a globalização surgem no campo organizacional como as mais decisivas). Grey (op. cit. 4) fala da aceitação desta tese sobre a mudança sem precedentes como derivando de uma tendência para sanitizar, regular, estabilizar e racionalizar o

³² Do ponto de vista prático a ideia da aceleração generalizada das sociedades e o aumento das taxas de inovação é insustentável e empiricamente refutável. Existem ilhas de aceleração rodeadas por oceanos de contenção, de estabilidade, ou mesmo de redução de velocidade, sejam estas provocadas por uma concentração nos custos, na segurança ou no securitarismo. As leis de Moore operaram na Revolução Industrial da mesma forma que hoje e até a taxas mais elevadas. Substituamos os *chips* por matérias-primas como o algodão e teremos resultados que reflectem uma inovação ainda mais forte e um declínio de preços tão ou mais significativo. Pensemos na indústria aeronáutica e encontraremos uma desaceleração gritante ao longo das últimas décadas, mesmo que os aumentos do tempo de viagem não correspondam a um retrocesso tecnológico, mas sim a preocupações de segurança e a tempos de acesso, despacho e controlo cada vez mais demorados.

passado, reduzindo-o a formas simples. Embora Grey não use o termo, isto é uma clara marca de cronocentrismo. Todos os que viveram noutras épocas experimentaram a mesma sensação e, nalguns casos, é claro que as transformações foram mais rápidas e radicais do que as aquelas com as quais nos confrontamos e com a agravante de desafiarem de forma mais evidente os quadros mentais existentes, sobretudo porque o fetiche da mudança não tinha a força que possui nas nossas sociedades. Comparações com a Revolução Industrial ou com a Reforma fariam empalidecer os defensores da prevalência actual da mudança e mesmo se aceitarmos que a globalização e a tecnologia presidem às mudanças actuais, a Revolução Industrial opera certamente um corte bem mais radical.

O cronocentrismo aproxima-se de uma ideia de nós estarmos mais perto do fim da história, no sentido apocalíptico de revelação da verdade, do que quaisquer outros.³³ Necessariamente, a geração que nos sucederá pensará o mesmo e rir-se-á destes estranhos preconceitos que caracterizavam os académicos do novo milénio. Mesmo nas suas versões mais iminente catastrofistas, as teses cronocêntricas são largamente apaziguadoras, marcando a importância de sermos nós que vivemos nesta época especial e única. Há uma sensação de triunfo pelo simples facto de nos ter sido dada a possibilidade de viver numa época de tanto esplendor (ou alternativamente de tanta desgraça). Viver numa época de feitos da ciência e de cometimentos que nos enaltecem enquanto espécie. É evidente que o mesmo poderia ter sido sentido por todos aqueles que testemunharam outras conquistas e cometimentos passados, ou outras profundas crises, sem que se pense que eles deveriam ter sentido um orgulho incomensurável pelos feitos individuais dos seus semelhantes. Talvez se deva afirmar que o cronocentrismo é uma característica definidora do humano.

Ours is an age of crisis and social upheaval, a transitional period characteristically marked by revaluation of all values.' This phrase could have been written today by one of the many authors intent on emphasizing the changes that make the close of our millennium

³³ Múltiplas previsões e manifestações de tendências, bem como certezas relativamente a evoluções inelutáveis e convergências evidentes enfermam deste problema cronocentrista e das cronocentricidades que anunciam, isto é, o apocalipse ou, literalmente, a revelação do que irá acontecer. As correntes leituras dominantes do chamado Antropoceno são, a esse título, notáveis.

totally original and never to be repeated. Actually, it was written in 1948 by the famous historian of medicine, George Rosen [1]. Citing Albert Camus, Aguilar-Camin reminds us that each generation tends to assume that it lives during the times of most interest and greatest change [2]. Without yielding to this kind of chronocentrism, it is clear that the transformations of the past few years have been so rapid, intense, and unexpected that they do indeed seem to usher in a new era. In fact, we live in a period when trends and priorities are being revised, with all the concomitant burden of speculation and uncertainty. The health field traces many of these new paths to the future (Frenk, 1994: 20).

Problemas Conceptuais e Metodológicos

No cronocentrismo existe uma insuficiência conceptual e instrumental que permite que as comparações obedeçam a quadros impressionistas e não a elementos objectivantes. O cronocentrismo expressa-se numa linguagem que pretende ser objectiva, mas à qual faltam os instrumentos da sua promoção. Os cronocentristas abundam nas academias e entretêm-se a produzir julgamentos finais *ex cathedra*. A postura mais comum tem horror aos argumentos com *nuances*, sendo comum caracterizar épocas, eventos e situações em cores que não admitem gradações ou estados intermédios, sendo o cronocentrismo uma base para ampliações e reduções previsionais. Se a postura cronocentrista implica ignorâncias cultivadas em face do passado, torna-se mais fácil perceber os desvios e os enviesamentos preditivos. Há uma dimensão de fé na assunção da centralidade do nosso tempo. Há um tempo do “nós” e um tempo dos “outros”. O futuro transforma-se numa mera projecção presentista, pela qual se ampliam os traços dominantes do aqui e agora. O presente projecta um futuro e avalia todos os passados, com base em categorias agora criadas, onde a possibilidade dos juízos e dos julgamentos retroactivos é uma consequência do domínio do contemporâneo. O presente denuncia, expõe, desmonta e revela as manipulações, erros e más vontades do passado, encontrando lá todos os males e erros que terão de ser historicamente destruídos. As armas do presente derrubam os erros do passado.³⁴

³⁴ Os discursos contemporâneos sobre direitos e identidades inspiram-se amiúde em formas de juízo cronocêntrico.

Mas os problemas cronocentristas vão mais fundo e podem conduzir a um uso anacrónico de conceitos, desenvolvidos hoje para serem aplicados sem critério (mas com intenção) ao passado. Simultaneamente, podem-se reconstruir situações do passado que são marcadas como preparadoras ou antecipadoras de características actuais. Há uma redução do campo analítico e uma desconsideração dos factos, bem como um esquecer das evidências. Para além de uma imposição conceptual existem diferentes formas de anacronismo analítico. Impõem-se conceitos forjados hoje para proceder à análise de quadros sociais que foram moldados por concepções diversas, fazendo descer sobre elas instrumentos analíticos que se definiram pela emancipação de categorias coevas. Conceitos como género, identidade, orientação sexual, raça, etnia ou mesmo amor são limados e neutralizados até parecerem construções naturais facilmente aplicáveis numa análise intertemporal, esquecendo que a sua edificação é largamente moderna e, se lidos por actores sociais de outros tempos, seriam ininteligíveis ou quereriam dizer algo de diferente. As generalizações categoriais são redutoras e roubam riqueza às expressões passadas.³⁵ A experiência particular de um tempo é elevada à categoria analítica principal e associa-se ao desenho de um quadro conceptual que categoriza, avalia, determina e julga os lugares e as experiências, procedendo a formas de classificação que encontram justificação e referência na época actual. Existe uma definição acrítica do único e irrepetível, gerando extremizações apreciativas de carácter hiperbólico. As retóricas de justificação/legitimação/racionalização impõem-se a estudos de causalidade ou de sequencialização serial. A diferença vê-se investida de um carácter de excepcionalidade. Às teorias que forjam um excepcionalismo cultural, social, político ou geográfico, opõem-se teorias que alimentam um excepcionalismo de época ou de momento. Há uma necessidade de construir socialmente um novo que é não serial, alimentando-se de rupturas e discontinuidades.

Romantic love has been regarded as a characteristic aspect of the unrestricted choice of partners, when this process was freed from parental constraints. It came to mark not only the relations between the couple but those with their children as well, giving rise to the 'affective family' of modernity. Such a periodisation of the history of the sentiment of

³⁵ Malešević (2008: 108) é um dos autores que considera até que ponto as taxonomias e as classificações são frequentemente cronocêntricas e como as generalizações históricas produzidas com base em períodos curtos enfermam do mesmo problema.

love has not been accepted by all. Other historians, like Paul Veyne on Rome, have seen these discussions as being thoroughly ethnocentric, or rather chronocentric. Certainly, in the domain of literature, there were expressions of love of all varieties in the work of Sappho as in that of Ovid, not to speak of the records of Roman Egypt analysed by Keith Hopkins. And if one looks at Indian literature, including Sanskrit love poetry and the books of instruction in love-making like the Kama Sutra, and further east too at the anthologies of Chinese poetry that date from well before the Greeks had developed their alphabet, one has evidence of similar sensations, emotions and sentiments in Asia (Goody, 2002: 25).

O potencial construtivista da palavra ou do conceito é evidente e não é em vão que múltiplas realidades surgem, ou são alvo de debate, apenas como sequência óbvia de uma criação terminológica que as encerra em categorias, quadros, tipologias, oposições ou escalas.

Yet vocabulary does not simply denote objects that are pre-given. When 'local' shifts from an unobtrusive adjective to a noun, from a descriptor to a reified abstraction ('the local'), it becomes a kind and kinds, as we know from Hacking (1999), after Foucault, have consequences for the very things to which they are meant to refer, such that before the word there was not quite that object in the world. Thus in looking for their objects in historical periods before the words were coined we may be guilty of anachronism, or chronocentrism (Lambek, 2011: 201).

Mas o cronocentrismo está para lá do mero anacronismo e assume a dimensão de um problema de contacto com um outro ao qual apenas temos acesso através de vestígios ou traços, arquivos ou memórias. Nunca saberemos se o que sobrevive foi ou era o relevante e significativo ou se o que perdurou o foi por um movimento de acaso ou sorte. Encontrar o outro passado implica uma tentativa de análise que não transcenda os limites do seu mundo, das suas imaginações e crenças. A etnografia temporal deve ser conduzida com os mesmos cuidados da etnografia espacial, com uma consideração plena pelo papel e relevância daquele que se observa ou directamente ou à distância de uma era.

For the historian as imaginary temporal ethnographer, immersion in the archival traces of the past becomes the fieldwork, the "having been there" that uncovers those artifacts of the past that have not yet been familiarized, absorbed into our own cultural contexts. Such "original" research legitimates the authenticity of a report that may shock us not only out of our ethnocentrism but also out of our chronocentrism or historical anachronism. But

of course the historian was never really there. The difficulties of trying to write or represent the experience of otherness is compounded for historians by the need to imagine what it must have been like to be there from the present remains in archival boxes. The world of the past must be conjured up. It is not enough to inform readers about what you have discovered in dusty boxes. The experience of traveling backwards into the worlds of which the boxes are the only remains needs to be recreated, the experience of foreignness reenacted. Archival research, like ethnographic fieldwork, is imagined as direct contact with otherness - as experience that is not yet mediated into our webs of meaning. It presents the experience of opacity, impenetrability, meaninglessness - the resistance to being easily assimilated into our worlds (Toews, 1998: 542).

Para lá dos problemas conceptuais e do anacronismo posicional, o cronocentrismo debate-se com problemas técnicos de comparação resultantes das quebras e rupturas impostas por selecções de momentos a observar. Muitas das descontinuidades, fronteiras, divisões e cortes resultam de uma supressão de momentos evolutivos e da destruição voluntária de estágios intermédios. Este é um processo que implica comparações contrastantes e oposições radicais que só parecem fazer sentido porque eliminámos todos os traços que permitiriam estabelecer uma continuidade entre um A passado e um B presente. Na falta de elementos de comparação, as nossas leituras tendencialmente impressionistas marcarão divergências e estabelecerão frequentemente passados inferiores e presentes superiores.

To this point, we have made comparisons between humans and non-human animals, and talked about some of the philosophical and theoretical issues that come into play when making such comparisons. In doing so, we have been using as our points of reference today's living species -- the relatively distinct evolutionary "experiments" that happen to survive at the slice of time called the present. It is only as a consequence of this chronocentric snapshot that we can even perceive an animal-human boundary. In reality, such a boundary never existed as a line to be crossed. Our heritage stretches back in an unbroken sequence of populations to the common ancestor we share with chimps and gorillas six or seven million years ago. The appearance of an animal-human boundary is generated more by the extinction of populations intermediate between us and the African great apes than it is by the existence of an actual, precise Rubicon of humanity. In effect, we define ourselves by extinctions as much as by substance. Imagine, for instance, how views of human uniqueness would differ from the ones we hold today if the few, rare great apes of the planet had died out thousands of years ago (Rasmussen e Rehg, 1999: 10).

O cronocentrismo exhibe frequentemente um raciocínio economicista em que o antigo se desvaloriza ou se deprecia muito rapidamente, não havendo sequer grandes orientações para a sua amortização. Tal como acontece com as antiguidades ou com as modas há sempre uma pequena hipótese de recuperar estes resquícios do passado, através da proclamação de esquecimentos injustos ou de recuperações metamorfoseadas. A possibilidade de teorizações retro é uma constante. O cronocentrismo, como afirmam Claes e Johansson (2016: 3), pode esconder valores importantes que permitem precisar esquecimentos ou explicar ausências

As previsões feitas em sociedades cronocêntricas apenas produzem exageros unilaterais das tendências tidas como mais centrais no momento em que são estabelecidas. Qualquer análise cuidada das séries de Ficção Científica (FC) é reveladora do quanto a contextualização importa para perceber como as previsões são fruto de uma ancoragem a um tempo preciso. Se olharmos para as séries televisivas de FC criadas em torno do final dos anos 60 e princípios dos anos 70 do século passado verificamos que a conquista espacial e as viagens interplanetárias são previstas como o futuro óbvio da humanidade e a possibilidade de as fazer não é sequer problematizada. Em plena era da chegada à Lua, pareceria impossível não acelerar a grande tendência da época e vê-la como o destino dos humanos. Paralelamente, e embora tida como importante, a progressão informática (exceção feita ao HAL de 2001) acaba por se ver reduzida e mitigada, sobretudo quando a comparamos com os factos e eventos das décadas subsequentes. Algumas transformações tecnológicas são fortemente ampliadas no seu potencial de aceleração e outras permanecem subdesenvolvidas, o que se justifica pelo contexto social da época. As previsões são uma forma excelente de perceber as ansiedades, ambições, medos e pânticos das gerações e sociedades que os produzem. Se o contrafactualismo ilustra as possibilidades e os acidentes históricos e se a visão do passado nos dá os valores do presente, então o raciocínio sobre os *trends* dá-nos sobretudo um retrato de medos e anseios.

Se na economia é sempre possível construir índices ancorados a um ano base e que permitem comparações intertemporais, sem possibilidade de larga controvérsia, o mesmo não se pode dizer da disciplina sociológica, onde a construção de deflatores sociais

permanece largamente quimérica. Afirmações generalistas em torno do aumento ou diminuição histórica da violência ou dos graus de felicidade dos humanos implicam apenas apreciações largamente disputáveis. Não existem factuais consistentes nem bases sólidas para comparações complexas. Neste sentido, poder-se-á afirmar que uma das razões para a presença avassaladora de interpretações cronocêntricas reside na quase completa ausência de técnicas possibilitadoras de comparações. Sem instrumentos criadores de índices ou de bases comparativas, a factualidade da comparação é amplamente substituída por conjecturas rapidamente transformadas em armas de arremesso ideológico.

Evitar o cronocentrismo é algo que todas as ciências sociais podem procurar fazer – através da construção de uma invariabilidade descontextualizadora – os homens são iguais em todos os espaços e tempos e obedecem a regras imutáveis de comportamento (algo de difícil aceitação para a sociologia); através de um modo de comparação por deflatores – variáveis evoluem mas podem ser comparadas por recurso a quantificações indexadas a um momento base (cálculos de inflação ou de valorização); através de uma relativização que negue a possibilidade comparativa – cada realidade é incomensurável e não susceptível de ser convertida ou reduzida a outra; através de uma concepção cíclica que afirma um eterno retorno e nega qualquer possibilidade evolutiva de sentido progressista; através de um agnosticismo histórico de orientação cínico-céptica que produz comparações com base nos esquemas ideológicos coevos, abstraindo-se de qualquer uso conceptual retrospectivo de validação causal ou de sentido moral(ista). As comparações objectivas de momentos são possíveis, desde que feitas em bases de possibilidade objectiva e não de julgamento moral que resulte de presunções motivacionais dos actores históricos, na ausência de quaisquer bases para tal. Nenhuma destas soluções é, no entanto, totalmente aplicável ao problema do cronocentrismo sociológico.

Cabe perguntar então, qual deverá ser a postura capaz de romper com este desvio? Se o etnocentrismo foi largamente derrubado pela presença de um relativismo cultural ele próprio potencialmente estéril, que posicionamento face ao tempo poderá ter o condão de combater enviesamentos sem tombar numa solução que salva o bebé do afogamento, para

o precipitar numa queda de vários metros. É neste sentido que o raciocínio contrafactual multiplicado e as análises Tardianas de possibilismo nos parecem prenhes de significado. A multiplicação dos pontos de vista e das possibilidades evolutivas e transformacionais não significam a substituição de A por B nem marcam uma relativização que confere o mesmo lugar e importância a todos. Trata-se sim de um modo de alargamento conceptual e de inversão controlada de pontos de vista.

Existem diferentes variedades de desenho ucrónico como formas de exposição dos erros cronocêntricos. O cronocentrista está dotado de uma perspectiva e de um conhecimento que usa para criticar os que, no passado, deles não dispuseram. A sua onisciência histórica e a capacidade de saber o que já se passou serve para libelos acusatórios e não para criar qualquer tipo de empatia. O anacronismo conceptual é arremessado a alguns passados, mas isenta outros, vistos como mais próximos das nossas concepções e que se vêem constantemente elevados à categoria de pioneiros, marcadores de tendências, clarividentes, sábios, iluminados ou prescientes.³⁶

³⁶ O tom justicialista dos cronocentristas mais empedernidos aproxima-se daquilo que no mundo jurídico corresponde à expressão latina de *nunc pro tunc*. Uma decisão deste tipo aplica-se retroactivamente para corrigir uma decisão anterior. Este termo pode também exprimir um desvio ou uma falácia historicista, ela própria produto de um enviesamento temporal e local – a falácia de uma visão *whiggish* da história. Trata-se de um enviesamento que corresponde a uma escrita da história em que a interpretação dos eventos passados é feita para dar crédito às visões políticas dos historiadores. Esta foi uma posição comum em Inglaterra durante os séculos XVIII e XIX. A lente do historiador distorcia o passado até que ele se tornasse uma preparação do presente. A objectivação e contextualização do passado cedia o passo à ideia de um estado arcaico de preparação do actual. Nesse sentido, esta visão *whiggish* era presentista da mesma forma que múltiplas leituras correntes de factos passados são, por nós, caracterizadas como cronocêntricas. A relevância fenomenal não é definida local ou temporalmente, mas apenas o é em termos dos encadeamentos lidos como significativos para uma marcha em direcção ao presente. Ou seja, trata-se de uma leitura tipicamente teleológica, celebratória, triunfalista ou apoteótica.

Ideias conexas, ainda que não expressamente referenciadas como cronocentristas, são apresentadas como parte de uma herança vitoriana de ilusões retrospectivas.

That is why the Victorians are so close to us. In some ways we naturally think ourselves to have evolved away from them, beyond them. This is particularly true when we consider whatever we believe to be the most characteristic beliefs or practices of modernity, and then note with satisfaction that we have taken these further than our forebears of the last century. Universal equality is more radically understood, as twentieth-century social reforms, anti-colonialism, and feminism all attest; democracy is more integrally applied. All this is true. But what is remarkable is that the basic moral and political standards by which we congratulate ourselves were themselves powerful in the last century. Even more strikingly, the very picture of history as moral progress, as a 'going beyond' our forebears, which underlies our own sense of superiority, is very much a Victorian idea (...) It would be a mistake, a typical example of retrospective illusion, to regard this march as inevitable. But whatever the causes, through whatever battles that might have turned out differently, there is a remarkable continuity between ourselves and those nations and classes affected by the new ways from the end of the eighteenth century on. This, of course, especially applies to the Anglo-Saxon countries (Taylor, 1989: 393-394).

O cronocentrismo implica anacronismo conceptual e aplicação de conceitos contemporâneos como instrumentos de julgamento moral do passado. O cronocentrismo rejeita ou impede a relativização de comparações temporais, exigindo frequentemente do passado mais do que exige do presente. O cronocentrismo implica armadilhas comparativas pela não utilização de deflatores sociais, usando e abusando de afirmações generalizantes que marcam uma singularidade absoluta do presente, hipostasiando tendências com base em leituras unilaterais de algumas transformações. O cronocentrismo possui uma leitura fetichista da mudança e desenvolve uma retórica encomiástica próxima das retóricas ditas progressistas. O cronocentrismo projecta no futuro as leituras unilaterais de mudanças contemporâneas e contribui para afirmações extremadas da natureza do presente, tombando para a identificação deste como afélio ou periélio de um movimento histórico. O cronocentrismo contribui para leituras simplificantes que rejeitam a historicidade dos fenómenos sociais e que favorecem leituras teleológicas ou escatológicas dos processos. O cronocentrismo recusa leituras complexas e as possibilidades de *corsi e ricorsi*.

Esta é, como vimos, a época que se define por desafios nunca vistos, oportunidades nunca sonhadas e dificuldades inauditas. Reduzem-se ou eliminam-se todas as potenciais comparações relevantes. A única comparação possível é a do estabelecimento de *rankings* de sociedades no tempo. Faltam aliás os meios para proceder a uma comparação minimamente objectiva. O outro é uma categoria onde se podem amalgamar visões caricaturais e brutais do antepassado, mistos de heroicidade, puerilidade, bestialismo, barbarismo e ambição. O cronocentrismo é uma postura que busca a culpa dos avós e a expiação necessária dos seus sucessores. Há uma claríssima necessidade de culpabilização na postura cronocêntrica e que se caracteriza por uma postura de *We know best*. O que poderia ser definido como ignorância é redefinido como estupidez ou maldade. Os avós ou sabiam e quiseram esquecer porque eram pautados pela maldade ou não aceitaram as evidências e terão de ser definidos como totalmente estúpidos. A soberba intelectual cronocêntrica pauta-se por reconstruções sistemáticas do passado e pelo

Sendo uma marca sensível do universo intelectual anglo-saxónico, cabe perguntar se a avassaladora presença do cronocentrismo na teorização social contemporânea não será um epifenómeno da dominação deste quadro civilizacional no nosso mundo.

achincalhamento ou menorização, em nome de um progressismo ou de um combate ao conservadorismo latente.

Retóricas e Argumentações Cronocêntricas: Armas Ideológicas de Arremesso

Todo o discurso cronocêntrico se define por argumentação apoiada na auto-evidência e na clareza suposta dos argumentos e onde o ónus da prova é desnecessário. O cronocentrismo é uma expressão de ancoragem presentista que implica definições retroactivas e retrospectivas de pecadilhos, erros e desvios, apoiadas na construção da imoralidade dos outros e no erguer de um nós-eles temporal. A reconstrução livre dos passados é a arma dos historiadores que ora romantizam e encantam ora definem figuras patibulares e brutais, havendo uma tendência para criar figuras do passado que são maiores do que a vida. O unilateralismo da postura cronocêntrica é dominante e cruza-se com o *hic et nunc*, definindo uma ideologia do contemporaneísmo.

Desenvolvendo uma retórica temporal alicerçada em comparações menorizantes, o cronocentrismo representa, ainda, uma argumentação falaciosa ao proceder a análises e julgamentos baseados no historial ou na génese, descurando sentidos e contextos de emergência de um fenómeno ou situação. A veracidade e a factualidade de um evento submetem-se às supostas virtudes que nele estão encerradas. Do ponto de vista lógico, a argumentação torna-se irrelevante. O cronocentrismo desposa uma concepção linearista da história apoiada amiúde no uso de uma retórica tipicamente progressista que cruza as ideias hirschmanianas de necessidade e marcha inelutável, mas também a de estar do lado da história.

A argumentação cronocêntrica apoia-se na construção de retóricas de convencimento do carácter único e irrepitível da nossa era, oferecendo exemplos evolutivos de como os outros se transformarão em nós, de acordo com leis ou expressões de inevitabilidade ou de progressão necessária. Os exageros e as hipérboles estão claramente representadas quando se definem sentidos de urgência e se constrói a ideia de se viver num tempo de últimas oportunidades e onde a iminência da catástrofe torna imperiosa a decisão.

Uma rápida análise de artigos científicos na área das ciências sociais permite verificar até que ponto a expressão retórica “nunca como hoje” se tornou moeda corrente ou dominante para descrever as transformações que ocorrem sob os nossos olhos e para as quais não parecem existir correlatos históricos. E, no entanto, uma avaliação descomplicada permite perceber que tal não passa de uma leitura algo simplista e acientífica da realidade social. As afirmações deste tipo são quase sempre formas de marcar agendas políticas e não expressão de qualquer análise pormenorizada que dê conta de causas e potenciais consequências. O cronocentrismo é evidente quando se afirma que os níveis da violência doméstica contemporânea não têm paralelo na história, esquecendo que os limiares de definição e aceitação da mesma são hoje diferentes daqueles que existiam no passado e que as percepções do que está encerrado na expressão são também distintas ou mesmo que o aumento de números absolutos não corresponde necessariamente a uma generalização em termos relativos. Aliás, a aparente incapacidade para calcular rácios e taxas que operem como deflatores sociais surge como uma das razões mais óbvias para o generalizado cronocentrismo das sociologias académica e leiga. Mas o “nunca como hoje” alarga-se às descrições dos populismos, dos racismos, das desigualdades económico-sociais, uma vez mais ignorando que a expressão remete implicitamente para comparações intertemporais e que uma simples alteração da época base muda por completo o sentido da evolução histórica.

Uma análise da desigualdade económica actualmente existente revelará aumentos significativos se o termo para cotejo for a sociedade dos anos 60 do século passado, mas não o expressará se a época de contraste for a *Gilded Age*. O inaudito fica facilmente anulado sempre que a série histórica for prolongada para lá das reduções de conveniência. Quando estas dúvidas são apresentadas a um cronocentrista, é frequente que ele transite para um novo argumento – sim, mas “desta vez é diferente!”.³⁷ Este segundo elemento

³⁷ Com o uso desta linha argumentativa reforça-se a incomparabilidade da nossa época e faz-se tábua rasa de toda a experiência passada. A escala das transformações é única; as ameaças são novas e sem referências passadas; as consequências esperadas produzirão efeitos para os quais não há memórias nem exemplos. Da história como repetição, passa-se para uma historicidade de eventos únicos. Os novos tempos marcam uma descontinuidade e o hoje é radicalmente novo e diferente de todas as épocas. Todos os desviantes e problematizadores serão, de imediato, rotulados como estando ao serviço de causas secretas e de agendas conspiracionistas. O cronocentrismo histórico impõe barreiras e transições, onde existe sistematicamente continuidade. Espartilha em vez de alargar a visão. Concatena em vez de dar lugar a interacções complexas. O cronocentrismo manifesta-se num horror pelo estudo de causas e acções, preferindo a culpa à

retórico é avançado quando não se consegue provar que as diferenças na manifestação do fenómeno são de facto historicamente únicas. Cabe então salientar que a sua natureza é diferente e cria problemas de ordem totalmente distinta. Perante aqueles que consideram que as crises no mundo do trabalho e os riscos da robotização são em larga medida semelhantes aos dos enfrentados há 150 pelos operários confrontados com maquinizações fabris, os cronocentristas tenderão, de imediato, a afirmar que a robotização é mais radical e implica uma mudança de paradigma. Mesmo que quadros estatísticos não revelem este processo de substituição, o cronocentrista reforçará que é apenas uma questão de tempo e que a marcha para a eliminação do trabalho é imparável. A junção dos dois argumentos é típica entre os defensores do aceleracionismo social e económico que apresentam uma visão de evolução contemporânea para um capitalismo vertiginoso e caótico, pautado por inovações radicais, transformações sem tempo de adaptação e novas formas de alienação. Nestas expressões sociológicas existe uma utilização errónea do conceito de aceleração (geralmente tido como sinónimo de aumento de velocidade) que não dá conta nem da diferença entre mais velocidade (elemento absoluto) e aceleração (taxa de aumento) nem percebe que os ritmos de mudança resultam permanentemente de uma relação entre capacidades de absorção das transformações por parte dos actores sociais e dos níveis de mudança existentes. Quando as duas séries evoluem a taxas constantes, o aumento de velocidade é facilmente integrável e não dá a origem a qualquer dos problemas sociais listados. Mesmo o famoso problema de *burnout* não é mais do que uma evolução conceptual do conceito de *stress*, usado de forma tão evidente nos anos 60 e 70 e não há qualquer evidência empírica que o fenómeno se tenha alargado de modo significativo.

O cronocentrismo está muito patente nas leituras semi-ludditas que lidam com a anunciada robotização das sociedades, mas clamando que desta vez é diferente, ou seja

responsabilidade e a necessidade de perdões e contrições ao conhecimento do que efectivamente ocorreu. É uma postura recorrente que, para parafrasear McGlynn (2013: 158) eleva a sua feia cabeça uma e outra vez. O facto de nos centrarmos no uso do argumento por parte de sociólogos académicos e leigos não invalida que o argumento esteja difundido noutras comunidades. Poder-se-á dizer que este é um elemento retórico que encontramos frequentemente no mundo económico-financeiro e que foi largamente utilizado para caracterizar a crise de 2008. Por outro lado, trata-se de uma linha argumentativa que se mostra adequada a quem faz múltiplas previsões repetidamente falhadas. A profissão de fé transforma-se numa argumentação mais plausível quando se lhe impõe o dourado do “desta vez é diferente”, correspondente a uma desculpa relativamente aos erros passados – “de facto, falhei as minhas previsões, mas pela simples razão de não ter visto que aquela crise ainda não tinha as verdadeiras características de uma crise final”. Os preditores da *débâcle* iminente do capitalismo renovam este seu argumento a cada crise do mesmo.

que, ao contrário das épocas anteriores, a nossa era já não se caracteriza por deslocções na estrutura produtiva sectorial nem no movimento de pessoas de áreas desqualificadas para áreas qualificadas e que a perda líquida de empregos irá ser uma constante. Acreditar nestes argumentos implica uma boa dose de fé na referida tese cronocêntrica – o passado não oferece quaisquer pistas porque desta vez é diferente. E o ser diferente resulta apenas da convicção colocada na radicalidade da diferença e na crença numa singularidade histórica que substitui povos eleitos por épocas eleitas, mesmo que estas épocas sejam escolhidas para acolher uma catástrofe iminente. O tom profético casa bem com os iminentismos apocalípticos e com os receios de uma acumulação de desgraças e sofrimentos. O cronocentrismo associa-se ainda, bem entendido, à possibilidade de construir um grupo de inimigos mais ou menos palpáveis que conspiram contra uma imensa maioria e visam defender os interesses de uma minoria de ínvias políticas apostada em promover nada mais que uma agenda de enriquecimento, destruição ambiental e eliminação dos marginais.

Os supostos declínios na privacidade que resultam da acção de um *Big Brother* cada vez mais poderoso iludem o facto de esta afirmação necessitar de uma definição clara de privacidade, percebendo as suas notáveis transformações ao longo dos últimos anos (leiam-se os vários volumes da História da Vida Privada, de Philippe Ariès para um notável registo desse processo), bem como de uma análise relacional do conceito. Ou seja, as ameaças à privacidade resultam simultaneamente de um processo estatal de escrutínio e vigilantismo securitário, frequentemente em nome de putativos direitos à paz e à tranquilidade, e de uma exposição voluntária da vida íntima, e de todos os passos dados, por parte dos actores sociais. Acresce a isto um processo profundo de transformação nas barreiras e limites que separavam tradicionalmente espaços públicos e privados e que conduzem a novas formas de controlo e de identificação. Num cenário como este, afirmações generalistas sobre o carácter único das quebras de privacidade não correspondem a nada mais do que uma visão enviesada e distorcida da realidade social. O que afirmamos relativamente à privacidade poderia ser alargado a outros domínios como a poluição (também ela tida como estando a níveis nunca vistos) ou a crise de refugiados.

Não pretendemos descaracterizar ou diminuir a premência de resolução dos problemas listados, limitamo-nos a mostrar que a visão cronocêntrica e a construção de uma singularidade histórica forçam linhas de actuação que raramente resolvem um problema que não compreenderam e que problematizaram deficientemente. Não raras vezes, o problema é mesmo adensado. A questão da poluição tão presente na análise das sociologias da ciência ou do ambiente é apresentada de uma forma sistemática como produto de uma sociedade capitalista ou industrial e conduz directamente a discursos de catastrofismo (mais ou menos iluminado) ou a desmontagens da perversa maquinaria industrial e defesa de um desmantelamento da tecnologia tiranizante. Escapa a estes autores de orientação cronocêntrica até que ponto a poluição não é mais do que o subproduto obrigatório do uso de qualquer tecnologia, seja ela moderna ou arcaica. A ausência de carros com motores de explosão na Londres dos finais de XIX não anula o facto de a cidade estar poluída pelo uso sistemático de bestas de carga e de transporte nas ruas da metrópole e não só pela indústria aí existente. As tecnologias são mais geradoras de efeitos laterais, perversos ou prejudiciais em função do número de utilizadores do que como resultado de uma natureza intrinsecamente perversa da mesma. Claro que a sociologia cronocêntrica empola o problema social, definindo o seu carácter único, de forma a construir um sentido de urgência para a acção política. Os avanços recentes na construção da chamada *Public Sociology* tornam esta tendência ainda mais gritante. Trata-se de uma sociologia comprometida com um presentismo que acentua escolhas pouco pensadas e nada problematizadas.

A ignorância associada ao uso de rácios e taxas exprime-se facilmente aquando da análise de afirmações sociológicas que entram nos domínios da opinião pública. Muitos salientam até que ponto vivemos na sociedade que apresenta níveis mais elevados de literacia e de formação, retirando daí a ideia de que deveríamos ter níveis correlativos de desenvolvimento e de produção de saber. Uma vez mais, é importante contextualizar e perceber que o aumento do número de anos de escolaridade só se traduz numa força de trabalho mais qualificada se e quando as exigências do mercado se mantiverem estáveis ou crescerem a um ritmo inferior ao da oferta de mão-de-obra. Em quadros de aumento de exigências a taxas superiores às dos ganhos de escolarização, poderá estabelecer-se um cenário paradoxal onde o aumento de capacidades corresponde a uma diminuição de

possibilidades de intervenção.³⁸ Por outro lado, se a um acréscimo de escolaridade corresponder uma diminuição sensível de exigências, poder-se-á encontrar uma força de trabalho mais qualificada, mas com níveis superiores de frustração. Num outro plano, convém salientar que o aumento dos anos despendidos na escola não implica necessariamente nem mais conhecimento nem o aumento de saberes relevantes para as exigências socio-económicas. Não só o ensino pode produzir enviesamentos como também ignorâncias cultivadas. Ainda e sempre, o fraco tratamento da questão comparativa e a incapacidade de mobilização de deflatores sociais conduzem a um erro de apreciação e a uma postura tipicamente cronocentrista.

Uma das armas cronocêntricas a nível argumentativo é o estabelecimento de uma associação entre qualquer programa desafiante da ordem existente e uma manifestação passada vista como totalmente negativa, ainda que a comparação seja completamente espúria. Trata-se apenas de acordar emoções que possam conduzir à rejeição do novo programa. Os argumentos baseados numa atitude cronocêntrica tendem a expressar-se por uma dicotomia radical entre o hoje (presente) e um passado que encarna ora vícios ora virtudes. Implicam uma visão apaixonada dos eventos que serão lidos ora como corolário ora com produto de uma decadência anunciada. O cronocentrismo degenera numa cegueira teórica pautada por uma rotulagem simplificante que é uma arma consistentemente usada pelos seus apaniguados. Embora tipicamente associado a uma revisão do passado – tido como instrumento ou variável de construção do presente -, o cronocentrismo também pode associar-se uma visão orientada para o futuro – enquanto projecção ou amplificação do presente. Do mesmo modo, a nostalgia, marcadora de uma centralidade do passado também pode comungar de um mesmo espírito cronocentrista, na medida em que só o profundo desencanto com este presente único nos remete para a

³⁸ Uma visão típica do cronocentrismo é a da existência de uma progressividade indiscutível, especialmente ao nível do conhecimento. Este é visto sempre como crescente, derrubando as sombras da ignorância em cada golpe de pesquisa. A possibilidade de se conhecer menos ou de se estar errado, raramente é pensada. O cronocentrismo corresponde aqui a um esgotamento anunciado das zonas cinzentas que cedem o seu lugar a novas iluminações radiantes de saber. O retrocesso não é admissível, o erro não é plausível. Do mesmo modo, nunca o conhecimento acumulado foi tão grande e nunca a força de trabalho esteve tão preparada ou foi tão capaz. Uma vez mais, é a relativização que falta. O cronocentrismo centra-se numa das dimensões do problema, mas esquece totalmente as exigências e a sua taxa de crescimento.

glorificação de um passado caricatural que nunca vivemos nem entendemos, mas que romantizamos.

Os autores futurologistas e os *trend spotters* usam reiteradamente argumentos cronocentristas, acompanhados por retóricas muito particulares de enaltecimento ou de menorização, produzindo justificações morais para práticas e conhecimentos. Rotulagens generalizantes e acantonamento em categorias estanques são formas comuns de (des)valorizar as sociedades do passado. Tal como o fardo do homem branco se constituiu como santo-e-senha do empreendimento colonial³⁹ europeu e justificação de todos os dislates, também hoje a culpa do homem branco se constitui como um artifício cronocêntrico destinado a estabelecer culpas delimitadas e inocentações várias. As operações de reconstrução do passado levam à elisão de factos e à redefinição de eventos. A factualidade da existência torna-se em pouco mais de um pormenor. No limite, o etnocentrismo mantém-se e tal como a história se pode repetir, também aqui surge inicialmente como tragédia e posteriormente como farsa resultante de uma releitura pós-colonial não menos etnocêntrica que a primeira. Não é espúrio considerar como as avaliações dos viajantes do passado e a classificação dos seus comportamentos, está hoje subordinada a uma tabela comportamental definida pelas exigências colocadas por antropólogos pós-coloniais e pelos conhecimentos revelados pelos literatos de hoje.

A retórica cronocêntrica é caracterizada por exageros e marcações extremas de tendências, dominadas por adjectivações ferozes, ao serviço de programas ideológicos bem definidos. Os problemas sociais recém-definidos ou reconstruídos podem ser alvo de expressões generalizantes para as quais qualquer desafio, contradição ou dúvida não se pode situar no plano da crítica, mas no plano da ignomínia e da repulsa moral que conduzirá necessariamente o infractor a uma qualquer categoria de negação dialogal. Pedofilia, violência doméstica, *bullying*, assédio sexual, homofobia são apenas algumas das categorias que definem contemporaneamente esta situação.

³⁹ Para uma leitura do cronocentrismo em contexto colonial e para uma crítica aos seus usos na historiografia e como modo imperialista de leitura que exclui a tradição ou a considera como algo a eliminar, ver Vargas Vásquez (2009).

Termos há que se convertem em armas de arremesso e formas simplificadoras que exprimem uma comparação desvalorizadora, por associação. Aqueles que usam determinados argumentos ou que defendem certas posições não estão apenas errados, eles exprimem a defesa de processos datados, caducos e que podem pejorativamente ser rotulados com todos os traços negativos. O actual mundo jornalístico, um dos terrenos mais férteis para o uso de sociologias leigas, é crucial para o estudo de uma utilização sistemática desta estratégia. O passado, por ser passado, implica desde logo uma desvalorização dos seus valores e por arrastamento de todos aqueles que parecem de alguma forma fazer a sua defesa ou apologia.

A linguagem usada na sociologia leiga, nomeadamente no jornalismo, permite saltos cronocêntricos relevantes. De adjetivos relacionais a adjetivos qualificativos o passo é rápido, marcando-se uma tendência para a gradação e polarização das componentes qualificativas. Os termos temporais remetem para quadros axiológicos precisos, centrados no desdém e na desvalorização. Velarde (2012), analisando a utilização cronocêntrica de alguns adjetivos salienta:

los adjetivos españoles antediluviano, decimonónico, medieval y prehistórico, cuyo significado originário como adjetivos relacionales estaba vinculado a la designación de precisos espacios cronológicos, han adquirido un significado calificativo axiológico, en concreto de carácter negativo y descalificador de lo designado, presente en unidades léxicas como anticuado, viejo, obsoleto, pasado de moda, decadente, caduco, desfasado, etc. Este carácter evaluador los convierte en instrumentos léxicos particularmente aptos para el discurso argumentativo (Velarde, 2012: 93).

Os meios de comunicação filtram e criam a experiência cronocêntrica com a multiplicação e repetição de notícias que permitem adensar um fenómeno ou tornar o episódico num quadro de moda. O cronocentrismo possui uma dimensão confirmatória, na medida em que uma vez estabelecido o *trend* qualquer notícia adensa a suposta linha evolutiva. O fim aproxima-se e os sinais anunciam esse fim iminente. As generalizações fazem-se graças ao aplanar das asperezas históricas e dos sobressaltos do tempo e a existência de um “hoje” confirma a precisão das previsões. Há uma desatenção a processos transformacionais e evolutivos. Tomar o distinto como causa ou o excêntrico como razão para a existência de um fenómeno pode conduzir a situações no mínimo

ridículas, no sentido em que o que era apontado há 30 anos como motivo de atraso, pode hoje em dia ser assinalado como factor de sucesso ou vice-versa. A este respeito, a literatura gestionária em torno dos sucessos empresariais, historicamente situados, do Japão, dos Tigres do Pacífico ou da China é paradigmática. A corrente construção do *guanxi* como putativa causa para o sucesso económico chinês demonstra a mais despudorada falta de memória. De qualquer forma, permanece relevante considerar que este cronocentrismo se manifesta pela atribuição de causas à saliência do momentâneo, com eliminação de todos os outros factores, isto é, o cronocentrismo conduz a uma causalidade de excentricidades.

Claro que o cronocentrismo também pode implicar uma cronolatria, pela qual alguém fica suspenso em contemplação à volta de uma Idade passada que crê superior à sua, seja esta a Roma Imperial, o Egipto faraónico ou a URSS de Staline. Por uma razão ou outra, os cronólatras acreditam que depois dessas épocas nada mais pode acontecer do que decadência. Trata-se de uma tradição histórica com largos defensores e que oferece um filão exploratório evidente.

O cronocentrismo é uma arma retórica que é usada frequentemente em guerras culturais, mas também é uma prática discursiva que, ao contrário do que se tende a propalar, não implica necessariamente a consideração de que no cotejo entre passado e presente, este seja sempre superior ao outro. Existe até, muito frequentemente, uma soberba que resulta da consideração do passado ser superior, mas sem que isso invalide que o termo de comparação e o modo de medida seja dado pelo actual. É verdade, no entanto, que o cronocentrismo possui uma afinidade electiva com a ideologia progressista por que comunga de um certo linearismo e de uma visão de melhoramento sequencial. Talvez seja verdade que o cronocentrismo representa apenas uma forma de Cronos substituir Kairos ou de uma temporalidade mais científica substituir um tempo mais humano e cíclico, mas permanece a ideia de que o cronocentrismo é uma periodização da modernidade e do progresso e uma forma imperial porque implica a imposição de uma concepção de tempo.⁴⁰ A sociologia torna-se conceptualmente uma forma de colonização do extra-

⁴⁰ A imposição do mesmo tempo aos territórios conquistados pode ser uma forma de cronocentrismo sincrónico, mas também um mecanismo de unificação nacional ou de conversão. A República Popular da China, por exemplo, apesar da sua extensão, só possui um fuso horário. A imposição de um tempo é, como

européu quer pelo corpo teórico e experiência que reflecte e pela imposição de um tempo específico. Claro que este tipo de imposição implica uma rotulagem do outro (que pode ser interior à própria civilização de que fazemos parte) como atávico, atrasado, rústico, anquilosado, etc. Não é em vão que parte do discurso gestor contemporâneo se caracteriza por esta dinâmica, cruzada com uma retórica progressista. Trata-se de um elitismo temporal, onde podem confluír ideologias opostas, mas apostadas na negação das possibilidades de divergência e de retrocesso ou recuo.

A junção da unidireccionalidade e do sentido histórico transformam o cronocentrismo num perigoso fundamento de justificações políticas que tendem a fechar opções e a recusar pluralidades de vias. O que existe não só é o que é mas o que deve ser e todos os outros são impossíveis, perigosos ou destrutivos. O cronocentrismo pode passar pela eleição de um tempo decisivo de entre os vários tempos entrelaçados que testemunhamos hoje – uma prevalência do tempo do trabalho sobre o do lazer ou do tempo mitificado sobre o secular e assim sucessivamente. O eurocentrismo em face do outro coevo, encontra no cronocentrismo a arma decisiva para se confrontar com o outro histórico, tendo que, para isso, usar diversos anacronismos conceptuais que castiguem os antepassados, uma vez que estes já não poderão ser submetidos a nenhum empreendimento civilizador que lhes abra os olhos e os traga para os braços da verdade. O desdém cronocentrista é marcado, pois, por uma busca de distanciação relativamente aos antepassados, num esforço de provar que eu não sou como eles. Argumentos de mais ricos, mais livres, mais justos, menos xenófobos, menos sexistas, menos enviesados são usados de modo típico por cronocentristas, mas nunca se poderá perguntar relativamente a quê ou a quem. O cronocentrismo justificou o imperialismo do mesmo modo que pode justificar muitas outras ideologias contemporâneas, ele é até um traço de comunalidade

se percebe, uma forma de exercício de poder. O cronocentrismo marca também uma imposição dos tempos centrais às temporalidades periféricas – ritmos, escalas, intervalos, descansos, sequências, ou pausas. Há como que uma colonização cronocêntrica que resulta desta exportação forçada de variáveis temporais. Mas é necessário perceber, desencantadamente, que os tempos do mercado, da racionalidade e do capitalismo são imposições como o são os tempos da oração, da reciprocidade e da caça. Há sociedades que vivem literalmente suspensas nestes tempos impostos, incapazes de procederem a um ajustamento virtuoso e onde a construção dos adaptados e dos párias é temporalmente definida.

que encontramos entre ditaduras e democracias, entre regimes e práticas que aparentemente se negam ou anulam.

Claro que, para muitos, o tratamento dado ao enviesamento cronocêntrico acaba por ser uma desculpa para salvar a face de algumas figuras egrégias que teriam esqueletos no armário. É neste sentido que pode ser entendida a reflexão de Ekerval (2001) sobre os Myrdal e a defesa de um plano de esterilização por parte de Alva. A comparação relevante seria sempre intra e não inter-temporal quando fosse caso de avaliar as figuras e as teorias por eles produzidas, bem como a sua intervenção cívica.

I suggest chronocentrism as a concept related to ethnocentrism. Chronocentrism is characterized by or based on an attitude that one's own time is superior. We can never be free from the norms and standards of our own time, but we can lessen the bias by comparing the norms and standards guiding people in other times not with those of people in our time but with those of their own contemporaries. I stress the argument that Alva Myrdal's views should be compared not with those of today's social scientists and policy makers but rather with those of her contemporaries. In this way a fair evaluation can be made without opting for total relativism (Ekerval, 2001: 558).

A imposição justicialista de um juízo purificado ao passado ou os sentimentos de ultraje, em nome de categorias presentes são também manifestações cronocêntricas (Buckland, 1990: 7-8). Se nuns casos, os argumentos são usados para salvar, noutras casos, a construção retórica é uma arma poderosa de ataque ou de desconsideração de alguém que nos mereceu estima e encómio, mas que agora se apresenta como pedra no sapato e não como um válido *compagnon de route*.

Such, at least, was the opinion of Amar Ouzegane, the secretary-general of the PCA, who was later imprisoned for his role in the independence struggle and who subsequently became an Algerian cabinet minister. According to Ouzegane, Camus was 'in the avant-garde in 1935' (the year Camus joined the Communist Party); he was not a typical European Algerian: he did not suffer from 'Western ethnocentrism'. Yet as we have seen, this is precisely the charge that some postcolonialist critics lay against Camus in his lecture. They, however, can be accused in turn of presentism, or rather what might be called 'chronocentrism': the inability, to adapt O'Brien's comment on Camus, to think of the past other than retrospectively — in this case, other than from the perspective of Algerian independence in 1962. Memmi's concept of the 'well-meaning colonizer', it should be remembered, did not emerge until 1957, when the Algerian War had already

been underway for three years. In 1937, however, it was possible to be both a humanist and a ‘well-meaning colonizer’, (...) although in Camus’ case it is important to emphasize that this extended to supporting equal rights and the principle of one man, one vote (Foxlee, 2006: 90).

Notas Finais

Depois desta longa digressão sobre as formas como múltiplos autores das últimas décadas apresentaram o conceito de cronocentrismo, estamos em condições de oferecer uma síntese problematizadora.

O cronocentrismo é uma forma de exclusão de determinados actores e agências da história, baseada na utilização de termos coevos para descrever, analisar, classificar, avaliar e moralizar sobre o passado. Resulta da inexistência de um corpo conceptual não ancorado à realidade histórica de uma sociedade que produziu esses conceitos e implica juízos retrospectivos com base em linguagens que seriam estranhas para os avaliados e de acordo com quadros sinópticos para eles irrelevantes. Talvez haja que inventar viajantes no tempo que venham analisar as nossas sociedades à luz de um corpus do futuro, da mesma forma que os Persas de Montesquieu reflectiram sobre a França de Luís XIV. O cronocentrismo transforma uma casualidade histórica – viver aqui e agora – em algo com um sentido profundo e que ata uma necessidade à ligação entre um passado e um presente e em que aquele vive em função deste, implicando um quase sentido de omnisciência histórica sobre o que vai ocorrer. O cronocentrismo pode ser uma atitude de defesa perante incertezas, riscos e contingências, ancorando o tempo presente a algo de único e singular. O cronocentrismo esboça uma linearidade que é incompatível com concepções cibernéticas e sistémicas ou com mecanismos de causalidade difusa. Do mesmo modo, a imposição de continuidades e de sucessões entre eventos, para os quais nos escapa a lógica, é também um exercício cronocêntrico.

O cronocentrismo liga-se a um tom moralizador e a uma forma generalizada de assunção da culpa e de marcação do arrependimento e da necessária contrição. É um enviesamento justicialista que traz os autores passados ao banco dos réus, produzindo julgamentos sumários e condenações céleres dos seus crimes mais ou menos graves, crimes estes que

seriam recebidos com incredulidade pelas suas vítimas coevas, que dificilmente os reconheceriam como algozes, e que estranhariam ser tidas como mártires. O cronocentrismo produz um desvio temporal que está prenhe dos preconceitos dos projectos modernizadores, num terreno académico onde o chauvinismo temporal não é só bem tolerado, mas se constitui como moeda corrente.⁴¹ O cronocentrismo encerra em si um certo narcisismo histórico que se exprime amiúde em mitos associados ao triunfo tecnológico-científico e ao sentido de encerramento ou término das descobertas essenciais. O enviesamento cronocêntrico não anula a pertinência de muitas análises, mas devemos começar a entendê-las como algo que diz mais sobre o observador do que sobre o observado, numa linha de reflexão a que chamámos o desvio auto-biográfico na construção teórica. Nesse sentido, o cronocentrismo das análises produzidas pode ser um excelente material para a redefinição de uma interpretação das teorias sociais ao longo dos tempos.

O cronocentrismo tende a ser teleológico e definidor de uma causalidade que desemboca necessária e obrigatoriamente num quadro de eventos já anunciado. Por isso, as teorizações cronocentristas apresentam, amiúde, um tom profético ou revelatório – a evolução é um culminar que revela ou descobre mistérios e define sentidos últimos para as coisas. Neste estrito sentido há uma dimensão religiosa no cronocentrismo, se acreditarmos que o profético-revelatório e o religioso caminham a par e de mãos dadas.

O cronocentrismo expressa-se frequentemente numa correlação ou compatibilidade entre desenvolvimento tecnológico e científico e progresso ou aperfeiçoamento dos costumes (a velha questão da Academia de Dijon à qual Rousseau deu uma resposta controversa, mas vencedora). Parte importante da teorização contemporânea em ciências sociais está eivada de cronocentrismos, sobretudo ao nível lexical e conceptual, através de usos retrospectivos de termos que impõem lógicas contemporâneas a dinâmicas que lhes são

⁴¹ Esta é, aliás, a linha de raciocínio que nos é oferecida por Redmond, para quem o cronocentrismo é exactamente um chauvinismo temporal.

A more chauvinistic (or chronocentric, if you will) approach would be (...) to attempt to mold future values via the forecasts and plans initiated in the present. One means of doing this is the institution of long range plans which effect a foreclosure of options in the future. Plans of this sort tend to 'lock in' present patterns of resource use, political control, income distribution, and mobility; they are not uncommon forms of governmental planning (Redmond, 1978: 24).

estranhas. O passado é visto de uma forma condescendente, homogeneizante e não plural e é descrito através de rótulos redutores, simplistas e aviltantes. As dificuldades, os problemas, os riscos, as catástrofes, as tragédias também singularizam o nosso tempo como único e estes anúncios repetidos à exaustão exprimem uma mistura complexa de milenarismo profético, catastrofismo ecológico esclarecido e previsões que se repetem indefinidamente até que pareçam ser provadas por um qualquer acontecimento, mesmo que este seja o produto de séries aleatórias. O pendor tele-evangelista de alguns teóricos sociais aproxima-se das preocupações dos *trend-spotters*, com a diferença de que estes, apostados em produzir best-sellers a cada dois anos, negam, a cada novo momento, o que disseram em obras anteriores e aqueles permanecem eternamente fiéis à cartilha catastrofista, esperando sempre por um sinal dos céus que possa ser lido como prenúncio do que sempre souberam. Uns agem sem princípios, outros mergulham numa fé não questionada, onde nenhuma dissonância pode abalar a convicção. Em qualquer dos casos, o exercício crítico está ausente.

O regresso das ciências sociais à história é uma necessidade. O desconhecimento histórico é aliás uma das principais fontes da distorção cronocêntrica, do mesmo modo que o é a atribuição de sentidos e rumos precisos à história. Se a história se define como tendo um rumo e um destino, qualquer entrave aos mesmos tem de ser visto mais do que uma contingência ou um acidente, mas como um escolho a retirar do caminho. Todas e quaisquer alternativas não podem ser senão consideradas como erros ou falhanços. É por isso que as teses de finalismo histórico são tendencialmente formas de desenho cronocêntrico. O estudo de realidades sociais e históricas por referência a um corpo conceptual, desenhado à luz de uma temporalidade e de uma conjuntura geográfico-cultural única, implica uma escassa atenção à diferença e, no limite, pode representar uma tentativa de imposição teórica e prática aos outros que vivem na periferia ou no exterior desse mundo, usado como forma e instrumento de avaliação. Esse é aliás um dos motivos pelos quais, o marxismo comunga dos mesmos problemas que a sociologia tantas vezes definida como burguesa.

O cronocentrismo implica uma incapacidade de estudar a mudança precisamente porque resulta numa inaptidão de contextualizar e estar alerta para factos e eventos não redutíveis

a categorias e constructos edificados à luz de uma experiência particular. Paradoxalmente, o enviesamento cronocêntrico introduz uma apreciação ilusória do passado que acaba por resultar numa visão do presente que é incapaz de dar conta de heterogeneidades ou variações. Determinados conceitos são criados para resolver um problema contemporâneo e depois usados para provar a sua ausência noutras épocas, mesmo quando se trata apenas de uma reformulação lexical e nem sequer conceptual. O uso de um corpo conceptual marcado por uma época ou uma experiência singular ou mesmo a utilização de uma língua franca de comunicação científica provocam consequências tipicamente cronocêntricas, sejam estas resultantes da expansão do conceito para novos territórios que lhe são estranhos, quer pelos anacronismos resultantes da imposição de ordens, cálculos e expressões que escapam ao perfil imposto pela ordem lexical da novel disciplina. Conceitos como pobreza, felicidade, qualidade de vida sofrem de múltiplas apreciações cronocêntricas, o mesmo se podendo dizer de afirmações do tipo “como é que era possível viver naquelas condições?” Visões pueris e infantilizantes do passado abundam, mas poucos parecem entender que o seu uso na descrição de contemporâneos de outras culturas não se eximiria a rótulos de racismo ou xenofobia.

Em grande medida, a postura cronocêntrica é moralmente simplista e epistemologicamente pueril, faltando-lhe o recuo reflexivo de marcação de diferenças e semelhanças em quadros de comparação inter-temporal. Esquece a história e não compreende o lugar das diferenças e das repetições. Escapa-lhe a austeridade céptica que recusa as primeiras impressões e as leituras totalmente impressionistas, falta-lhe a dose de cinismo bastante que permite distinguir o dito do não dito ou as ilusões e as aparências da vida por detrás da frente cénica. O cronocentrismo é um dos grandes adversários de uma leitura sociológica crítica especialmente numa época em que se confunde crítica com denúncia ou apologia de direitos.

O cronocentrismo resulta de uma projecção presente para uma visão do passado, mas também é um instrumento óptico dotado de uma distorção fundadora e acertado pelo olhar contemporâneo que define ora a miopia ora o astigmatismo como condições de normalidade. O cronocentrismo age como poderoso filtro memorial onde a lógica do imediatismo e o triunfo da imagem associados a uma crescente ignorância histórica

cultivam um espírito néscio. A ilusão do presentismo ou da contemporaneidade como elementos superiores resulta de uma incapacidade de relativização semelhante à presunção de que um objecto é maior do que outro apenas por estar mais perto de nós. Esta ilusão é, no entanto, comum nas sociologias leigas e académicas. O critério da relevância derivada da proximidade tanto pode conduzir-nos a esquecer contributos anteriores como a exagerar manifestações actuais.

O tardio parece conceder sabedoria, conhecimento e bom senso. Uma vez que não temos qualquer ideia da duração das nossas sociedades, civilizações ou culturas, resta-nos adoptar uma posição modesta caracterizada por imaginar que os humanos do século XXXV se entreterão a desconsiderar os valores actuais e as políticas contemporâneas com o mesmo empenho e dedicação que hoje concedemos aos nossos antepassados medievais do século XI. O cronocentrismo extirpa do passado todos os elementos que podem mitigar a hipótese de construir alguém como precursor. A limpeza cuidada da poeira do tempo assegura que só a consonância permaneça e que todo o material dissonante possa ser convenientemente ignorado, justificado ou suprimido.

As análises da sociedade em que hoje vivemos estão dominadas por cronocentrismo e são abundantes em descrições que demonstram bem o quão especiais somos e o privilégio (algumas vezes infortúnio) de vivermos nesta época. É provável que nenhum humano da Revolução Neolítica alguma vez tenha sentido que vivia numa, o mesmo se podendo dizer para a RI. Em cem ou duzentos anos seremos definidos como os humanos de um determinado período, descrito e sintetizado numa designação que provavelmente não reconheceríamos e que certamente nos descreverá de uma forma simplista, exagerada ou sem sentido. Também, de forma mais ou menos esperável, ver-nos-ão como pobres seres ignorantes e infelizes, afastados dos pináculos de qualquer coisa que na época substituirá a nossa civilização. O cronocentrismo é um enviesamento deslizante que se vai transferindo de uma geração para outra e onde os alvos da soberba vão incorporando os grupos que o tempo vai esquecendo.

Referências

- Appleby, J. (1998). The Power of History. *The American Historical Review*, 103(1), 1-14.
- Asay, J., & Baron, S. (2014). The hard road to Presentism. *Pacific Philosophical Quarterly*, 95(3), 314-335.
- Baia, A. (2012). Presentism and the grounding of truth. *Philosophical Studies*, 159(3), 341-356.
- Baehr, P. (2013). The Honored Outsider: Raymond Aron as Sociologist. *Sociological Theory*, 31(2), 93-115.
- Beck, U. (1992). *Risk society*. London: Sage Publications.
- Beck, U., & Giddens, A., & Lash, S. (1994). *Reflexive modernization*. Stanford, Calif.: Stanford University Press.
- Berkhofer, R. J. (1995). *Beyond the Great Story: History as Text and Context*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard UP.
- Bernstein, M. (1998). Keeping the Conversation Going: Prosaics and Literary Theory. *New Literary History*, 29(4), 687-690.
- Bluedorn, A. C. (2002). *The human organization of time: Temporal realities and experience*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Bluedorn, A. C. (2008). Roe, R. & Waller, M. & Clegg, S. (eds). Temporal hegemony and the end of times (or should the Harlequin repent?). *Time in Organizational Research*. London Routledge, 276-288.
- Bluedorn, A. C., Standifer, R. L. (2006). *Time and the Temporal Imagination*. Academy of Management Learning & Education. 5(2), 196-206.
- Buckland, T. (1990). Black Faces, Garlands, and Coconuts: Exotic Dances on Street and Stage. *Dance Research Journal*, 22(2), 1-12.

- Bursik, R. J. Jr. (2009). The Dead Sea scrolls and criminological knowledge: 2008 Presidential Address to the American Society of Criminology. *Criminology* 47(1), 5–16.
- Claes, C. & Johansson, B-I. (2016). *Historiography of Swedish Architecture*. *Konsthistorisk tidskrift/Journal of Art History*, 85(1), 1-7.
- Connors, R. J. (1997). *Composition-Rhetoric: Backgrounds, Theory, and Pedagogy*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- Crawford, A. & Hutchinson, S. (2016). Mapping the contours of ‘everyday security’: Time, space and emotion. *British Journal of Criminology*, 56(6), 1184–1202.
- Daems, T. (2006). On the Origins of Criminology: A Research Note. *European Journal of Crime, Criminal Law & Criminal Justice*, 14(1), 115-125.
- Delanty, G. (2017). Entangled Memories: How to Study Europe’s Cultural Heritage. *The European Legacy*, 22(2), 129-145.
- Dencik, L. (1998). Modernisation - A challenge to early childhood education: Scandinavian experiences and perspectives. *European Early Childhood Education Research Journal*, 6(2), 19-33.
- Diderot, D. (2008). *Suplemento à Viagem de Bougainville*. Lisboa, Fenda.
- Downes, D. & Rock, P. & McCormick, C. (2009). *Understanding Deviance: Canadian Edition*. Oxford University Press; Canadian edition.
- Ekerwald, H. (2001). The Modernist Manifesto of Alva and Gunnar Myrdal: Modernization of Sweden in the Thirties and the Question of Sterilization. *International Journal of Politics, Culture & Society*, 14(3), 539-561.
- Fabian, J. (1983). *Time and the Other: How Anthropology Makes Its Object*. New York, Columbia University Press.
- Fazioli, K. P. (2014). The Erasure of the Middle Ages from Anthropology's Intellectual Genealogy. *Journal History & Anthropology*, 25(3), 336-355.
- Fotiadis, M. (1994). What is Archaeology's "Mitigated Objectivism" Mitigated by? Comments on Wylie. *American Antiquity*, 59(3), 545-555.

- Fowles, J. (1974). *On Chronocentrism, Futures*. February, 65-68.
- Foxlee, N. (2006). Mediterranean Humanism or Colonialism with a Human Face? Contextualizing Albert Camus' 'The New Mediterranean Culture'. *Journal Mediterranean Historical Review*, 21(1), 77-97.
- Frenk, J. (1994). Dimensions of health system reform. *Health policy*, 27(1): 19-34
- Garrison, Charles E. (1988). *Two Different Worlds: Christian Absolutes and the Relativism of Social Science*. Newark, University of Delaware Press.
- Gibson, W. and Sterling, B. (1991). *The Difference Engine*. New York, Bantam Books.
- Gilmore, D. (1996). Above and Below: Toward a Social Geometry of Gender. *American Anthropologist*, 98(1), new series, 54-66.
- Goody, J. (2002). The Anthropology of the Senses and Sensations. *La Ricerca Folklorica*, (45), 17-28.
- Gregersen, N. H. (2016). *HTS Teologiese Studies/Theological Studies*, 72(4), e1-e12.
- Grey, Christopher (2003). The Fetish of Change. *Tamara: Journal of Critical Postmodern Organization Science*, 2:2, 1-19.
- Harding, P. (2006). *Lotus Illustrated Dictionary of Art*. New Delhi: Lotus Press.
- Haynes, B. (2007). *The End of Early Music: A Period Performer's History of Music for the Twenty-First Century*. Oxford: Oxford University Press.
- Hayot, E. (2011). Against Periodization; or, On Institutional Time. *New Literary History*, 42(4), 739-756.
- Herzfeld, M. (1987). Anthropology Through the Looking Glass. *Critical Ethnography in the Margins of Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hirschman, A. (1991). *The Rhetoric of Reaction*. Harvard: Harvard University Press.
- Hobson, J. M. (2002). 'What is at stake in "bringing historical sociology back in international relations"? Transcending "tempocentrism" and "chronofetishism"'. In J. M.

- Hobson and S. Hobden (Eds.), *Historical sociology of international relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 3–41.
- Keniston, Kenneth (1971). Psychological Development and Historical Change. *Journal of Interdisciplinary History*, 2:2, 329-345.
- Lambek, M. (2011). Catching the Local. *Anthropological Theory*, 11(2), 197-221.
- Lapointe, T., & Dufour, F. G. (2012). Assessing the historical turn in IR: an anatomy of second wave historical sociology. *Cambridge Review of International Affairs*, 25:1, 97-121.
- LaRossa, R., & Gordon, B., & Wilson, R., & Bairan, A., & Jaret, C. (1991). The Fluctuating Image of the 20th Century American Father. *Journal of Marriage and Family*, 53(4), 987-997.
- Lévi-Strauss, C. (1987). *Race et Histoire*, Paris Flammarion.
- Lewis, C. S. (1966). *Surprised by Joy: The Shape of my Early Life*. New York: Harcourt, Brace & World, Inc.
- Ley, D. (2003). Forgetting postmodernism? Recuperating a social history of local knowledge. *Progress in Human Geography*, 27(5), 537-560.
- Liedman, S-E. & Persson, M. (1992). The Visible Hand - Anders Berch and the University of Uppsala Chair in Economics. *Scandinavian Journal of Economics*. Supplement 94, S259-S269.
- Lipset, S. M. (1996) *American Exceptionalism: A Double-Edged Sword*. New York: Norton.
- Lyon, E. S. (2004). The use of biographical material in intellectual history: writing about Alva and Gunnar Myrdal's contribution to sociology. *International Journal of Social Research Methodology*, 7(4), 323-343.
- MacPhail, E. (2010). Praising the Past: Novelty and Nostalgia in Machiavelli, Castiglione, and Montaigne. *Romanic Review*, 101(4), 639-654.

- Malešević, Siniša (2008). The Sociology of New Wars? Assessing the Causes and Objectives of Contemporary Violent Conflicts. *International Political Sociology*, 2(2), 97-112.
- Marshall, A. (1998). A postmodern natural history of the world: eviscerating the GUTs from ecology and environmentalism. *Studies in History and Philosophy of Biology & Biomedical Sciences*, 29(1), 137-164.
- McGlynn, S. (2010). *By Sword and Fire: Cruelty and Atrocity in Medieval Warfare*. Phoenix.
- McGlynn, S. (2013). Medieval Warfare 1000–1300/Medieval Warfare 1300–1450/Fourteenth-Century England VI/Essays on Medieval Military History: Strategy, Military Revolutions and the Hundred Years War/Bloodied Banners: Martial Display on the Medieval Battlefield/Alfred's Wars: Sources and Interpretations of Anglo-Saxon Warfare in the Viking Age. *European Review of History: Revue européenne d'histoire*, 20:(1), 153-159.
- McGlynn, S. (2015). Heresy, Inquisition and Life Cycle in Medieval Languedoc. *History*, 100(343), 732-734.
- Mirea, R. (2016). Methacomunication in Conductor's Art. *Bulletin of the Transilvania University of Brasov, Series VIII: Performing Arts. Supplement*, 9, 201-210.
- Morson, G. (1991). Bakhtin, Genres, and Temporality. *New Literary History*, 22(4), 1071-1092.
- Morson G. (1994a). *Narrative and Freedom: The Shadows of Time*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Morson G. (1994b). Opinion and the world of possibilities. *Academic Questions* 8(1): 46–59
- Morson, G. (1995). Opinion and the World of Possibilities. *Academic Questions*, Winter, 45–59.
- Mumford, L. (1955). *Technics and Civilization*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Pavel, T. (1998). Freedom, from Romance to the Novel: Three Anti-Utopian American Critics. *New Literary History*, 29(4), 579-598.
- Powelson, J. P. (1994). *Centuries of Economic Endeavor: Parallel Paths in Japan and Europe and Their Contrast with the Third World*. Ann Arbor, University of Michigan Press.
- Ranasinghe, P. (2012). Jane Jacobs' framing of public disorder and its relation to the 'broken windows' theory. *Theoretical Criminology*, 16(1), 63-84.
- Rasmussen, D. T., & Rehg, J. (1999). The evolutionary context of human economics. *Forum for Social Economics*, 29(1), 1-15.
- Rayward, W. Boyd (Ed.). (2008). *European Modernism and the Information Society: Informing the Present, Understanding the Past*. Aldershot, Ashgate.
- Redmond, W.H. (1978). Values in forecasting and planning. *Long Range Planning*, 11(3), 22-25.
- Reichardt, U. (2000). Time and the African-American Experience: The Problem of Chronocentrism. *Amerikastudien/ American Studies*, Vol. 45, No. 4, pp. 465-484.
- Reinecke, J., & Ansari, S. (2015). When Times Collide: Temporal Brokerage at the Intersection of Markets and Developments. *Academy of Management Journal*. 58(2), 618-648.
- Rock, P. (2005). Chronocentrism and British criminology. *The British Journal of Sociology*, 56:3, 473-491.
- Roe, Robert A., & Waller, Mary J., & Clegg, Stewart R. (Eds.). (2008). *Time in Organizational Research*, London Routledge.
- Rosa, H. (2013). *Social Acceleration: A New Theory of Modernity*. New York: Columbia University Press.
- Rosa, H., & Scheuerman, W. (Eds.). (2009). *High-Speed Society: Social acceleration, Power, and Modernity*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press.
- Rosnay, Joël de (1975). *Le Macroscopie: Vers une Vision Globale*. Paris: Seuil.

- Russell, J. (1991). Inventing the Flat Earth. *History Today*, XLI, 13-19
- Severino, C. (2000). Archivists with Different Attitudes. *College English*, 62(5), 645-653.
- Smith, D. (2010). Out of Care 30 years on. *Criminology & Criminal Justice: An International Journal*, 10 (2), 119-135.
- Standage, T. (1998). *The Victorian Internet*. New York: Walker Company.
- Sumner, W. G. (1906). *Folkways*. Boston: Ginn and Company.
- Tarde, G. (1892). Les géants chauves. *Revue Bleue*, 20, 611-619.
- Tarde, G. (1904). Fragments D'Histoire Future. *Archives d'anthropologie criminelle, de criminology et de psychologie normale et pathologique*, XIX, 565-621.
- Taylor, C. (1989). *Sources of the Self The Making of Modern Identity*. Cambridge, MA: Harvard UP.
- To, Ainsley (2016). Chronocentricity - Will this time really be different?. *Finweek*, 28 January, 27-28.
- Toews, J. (1998). Historiography as Exorcism: Conjuring up "Foreign" Worlds and Historicizing Subjects in the Context of the Multiculturalism Debate. *Theory and Society*, 27(4), 535-564.
- Vargas Vásquez, Israel (2009). El cronocentrismo: Mecanismo de marginación historiográfica in El fin de la Real y Pontificia Universidad de México. 1776-1823. *Una respuesta al cronocentrismo historiográfico*. México: UNAM-FFyL- Colegio de Historia, 10-42.
- Velarde, Manuel Casado (2012). "Cronocentrismo y Argumentación en el Discurso Periodístico: El Uso de Adjetivos Relacionales (Temporales) como Calificativos Axiológicos". In Concepción Martínez Pasamar & Cristina Taberero Sala (Eds.), *Por Sesos e por Maestría: Homenaje a la Profesora Carmen Saralegui*, Universidad de Navarra, pp. 93-110.

Warf, B. (1997). Teaching Political Economy and Social Theory in Human Geography. *Journal of Geography*, 96:2, 84-90.

Weber, M. (1949). *Weber, Essays in the Methodology of the Social Sciences*. Shils, E. A. & Finch, H. A. (Eds.). New York: Free Press.

Weber, M. (1978). *Economy and Society: An Outline of Interpretive Sociology*. Roth, G., & Wittich, C. (Eds.). 2 vols. Berkeley: University of California Press.

Willmer, M., & Salzmänn-Erikson, M. (2018). 'The only chance of a normal weight life': A qualitative analysis of online forum discussions about bariatric surgery. *PLoS ONE*, 13(10), 1-14.

Zoomers, A. (2006). Pro-Indigenous Reforms in Bolivia: Is there an Andean Way to Escape Poverty? *Development & Change*, 37(5), 1023-1046.